

**Os jovens e os aplicativos de relacionamento
virtual.
Uma nova forma de se relacionar ou o reconfigurar
de antigas práticas?**
(versão final após defesa)

Ana Paula Almeida da Silveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos de Cultura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Carlos Ferreira Correia

Janeiro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Ana Paula Almeida da Silveira, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M9810 do 2º ciclo em Estudos de Cultura da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 16 de janeiro de 2023.



(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória de minha avó Celina de Queiroz Ritter, que com sua bondade e ternura, proporcionou essa experiência. Meu amor eterno e gratidão! Amo você minha “vozinha”.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter conseguido chegar até aqui, apesar de todos os percalços desde 2019.

Agradeço aos meus pais, Araken e Vilma, por todo incentivo e apoio nos momentos de maior dificuldade, apesar de toda a distância e saudade.

Agradeço aos meus filhos, Bruno e Diana por toda a ausência durante o processo de escrita.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram com suas experiências e sugestões no desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. João Correia, pelas sugestões e paciência.

Agradeço à Universidade da Beira Interior, aos Diretores do Curso, aos Professores e aos colegas do Mestrado em Estudos de Cultura.

E agradeço à Cidade da Covilhã, por todas as experiências aqui vividas. Estarão eternamente gravadas em minha memória e dentro do coração.

Prefácio

O Amor É uma Companhia

*O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.*

*Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.*

Alberto Caeiro

Resumo

Os jovens cada vez mais interagem socialmente através da internet. O uso crescente de aplicativos de conversa, namoro ou de influências e comunidades, vem proporcionando a este grupo etário uma crescente e contínua ampliação do seu círculo de comunicação. A presente proposta de investigação tem como interesse investigar em que medida um determinado grupo de jovens relacionam-se por aplicativos de relacionamento, criando ou reconfigurando uma nova cultura afetiva.

Utilizando uma metodologia de pesquisa qualitativa, por intermédio de grupo focal, tenciona-se perceber o que há de tão atrativo em escolher e conhecer pessoas no plano virtual para relacionar-se com ela. Como as mudanças comportamentais e seus relacionamentos através da internet e de aplicativos de namoro – seja para amizades, encontros casuais ou relacionamentos futuros – podem contribuir para a percepção do modelo cultural vigente utilizado pelos jovens para se relacionarem entre si, buscando compreender as práticas utilizadas e quais as motivações que os levam a esses aplicativos, tendo como destaque o cenário atual de uma pandemia mundial, que distanciou fisicamente ainda mais pessoas próximas.

Palavras-chave

Jovens; relacionamentos afetivos; aplicativos de relacionamento; cultura

Abstract

Young people are increasingly interacting socially through the internet. The growing use of chat, dating or influencer and community apps has provided this age group with a growing and continuous expansion of their communication circle. The present research proposal is interested in investigating the extent to which a certain group of young people interact through dating apps, creating or reconfiguring a new affective culture. Using a qualitative research methodology, through a focus group, it is intended to understand what is so attractive about choosing and meeting people on the virtual plane in order to relate to them. How behavioral changes and their relationships through the internet and dating apps - whether for friendships, casual encounters or future relationships - can contribute to the perception of the current cultural model used by young people to relate to each other, seeking to understand the practices used and what are the motivations that lead them to these applications, highlighting the current scenario of a global pandemic, which has physically distanced even more people close to them.

Keywords

Young people; affective relationships; relationship apps; culture

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	vi
Prefácio	viii
Resumo	x
Palavras-chave	x
Abstract.....	xii
Keywords	xii
Índice	xiv
Lista de Figuras.....	xvi
Lista de Acrónimos	xviii
1 Capítulo.....	1
2 Capítulo.....	17
3 Capítulo.....	30
4 Metodologia	40
5 Descrição do Grupo Focal	43
6 Considerações Finais	53
7 Referências Bibliográficas	58

Lista de Figuras

Figura 1 – Previsão do número de usuários online de serviços de namoro em todo o mundo de 2017 a 2024

Figura 2 – Número de usuários ao longo do tempo em milhões.

Figura 3 – Tempo gasto em média na internet por dia, por usuário.

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONS	One night stand
FFMS	Fundação Francisco Manoel dos Santos

1 Capítulo

Introdução

O interesse por investigar esse tema enquanto estudante de Mestrado em Estudos de Cultura e Psicopedagoga, me permite aprofundar experiências no âmbito sociológico e cultural, além desenvolver um olhar analítico de como os jovens interagem por aplicativos online de relacionamento.

Como mestranda em Estudos de Cultura, não seria possível iniciar essa pesquisa sem antes fundamentar seu conceito. Definir cultura não é uma tarefa fácil, pois existem muitas definições¹ para tal, que perpassam as áreas da sociologia, antropologia, educação, história, psicologia entre outras, além do conceito de cultura como senso comum.

Segundo Tylor (1920), na antropologia tem como definição:

“A cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.”

Desde o início dos tempos, da era primitiva à modernidade, a cultura sempre esteve presente na vida do homem, através de seu desenvolvimento, seus atos e consequências, cada um em seu tempo, possuía uma cultura diferente. Neste estudo, poderemos observar o quanto o conceito de cultura evoluiu através do tempo e juntamente com a evolução humana tomou outras proporções, significados e (re)significados.

Através de um levantamento bibliográfico e pesquisa qualitativa, foi feita uma contextualização dos conceitos de cultura, muito enraizada tanto na antropologia como na sociologia.

¹ Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn identificaram nada mais nada menos do que 160 definições do termo (*Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Papers of the peabody Museum of American Archeology and Ethnology. v.47, n.1, 1952)

Um dos precursores do conceito de cultura, Edward Tylor (1832-1917), a define como um complexo de conhecimentos e capacidades adquiridas, e Malinowski (1975), como algo biológico, uma totalidade em funcionamento, pois o homem é uma espécie animal, com hábitos e costumes.

Autores mais contemporâneos como Bauman (1925-2017), que em entrevista à revista *Época*, descreve cultura em seu livro “Ensaio sobre o Conceito De Cultura”, como não possuindo mais uma uniformidade, transformando-se de ferramenta de conhecimento para ferramenta de mudança. Mais próximo da visão de cultura como comportamento de Bauman, está Geertz (1926-2006), porém, com uma visão mais radical, de cultura como mecanismo de controle.

Ouvimos constantemente expressões como “cultura popular”, “cultura política”, “cultura da moda” entre tantas outras, que fazem parte da vida cotidiana. Também é muito comum a palavra cultura ser utilizada como sinônimo de tradição, mentalidade ou ideologia (Cuche, 2002, p.203).

A cultura é uma realidade social. Na sociologia, ciência que estuda as ações sociais, ou seja, de que forma essas ações interferem no meio (Weber, 1982, p.74) buscamos compreender os aspectos em que as pessoas, estando em contato umas com as outras na sociedade, adquirem durante sua convivência e que efeitos eles produzem.

“O homem pode “compreender” ou procurar “compreender” suas próprias intenções pela introspecção, ou pode interpretar os motivos da conduta de outros homens em termos de suas intenções professadas ou atribuídas.” (Weber, 1982)

Esses aspectos e efeitos, compartilhados entre os indivíduos que fazem parte desse grupo social específico, produzem novos efeitos, que a partir da realidade social desses, vão formando um ciclo em constante movimento.

Este trabalho, dentro do âmbito sociológico e cultural, busca compreender de que forma os jovens entre 18 e 25 anos relacionam-se por aplicativos de relacionamento virtual, trazendo alguns dados sobre a utilização do uso de aplicativos da internet nas últimas duas décadas, no Brasil, em Portugal e no mundo.

No primeiro capítulo, tentaremos averiguar a razão e os objetivos de como e o porquê os jovens vêm cada vez mais utilizando os aplicativos de relacionamento virtual, através de autores pesquisados, além de contextualizar conceitos como juventude, sociedade, cultura, redes sociais, ciberespaço e relacionamentos.

No segundo capítulo, faremos uma breve linha do tempo sobre as relações amorosas através dos séculos, partindo de Santo Agostinho, até os dias atuais e a utilização dos aplicativos de relacionamento on-line.

No terceiro capítulo, trataremos das características dos jovens na sociedade, através das gerações em que viveram e seu desenvolvimento na sociedade até os dias atuais, consoante a evolução da internet.

Nos anexos, descreveremos as informações obtidas com o grupo focal, utilizado como metodologia de pesquisa e obtenção de dados reais para a pesquisa, fazendo a análise dos fatos. Na última parte, a conclusão, tentaremos mapear os motivos que levam os jovens a utilizar esta prática.

Serão feitas as considerações finais com o objetivo de compreender e relatar como os jovens reconfiguram suas relações afetivas no virtual, para que possa servir a futuras pesquisas, melhorando o entendimento da relação dos jovens com o que se acredita ser a relação afetiva da contemporaneidade entre eles.

Segundo pesquisa apresentada pelo site Terra (2018), no Brasil cerca de 124 milhões de pessoas estão conectadas a algum site de relacionamento, e não há um estudo profundo e concreto sobre isso, e nem o número exato de aplicativos, que podem ultrapassar os 50.

Outra pesquisa recente, traz estatísticas sobre o namoro on line no mundo, o site Statista.com (2022) prevê que cerca de 280 milhões de usuários utilizarão os serviços até 2024, podendo gerar mais de 2,5 bilhões de dólares americanos em receita, apesar de grande parte dos usuários utilizarem a versão *freemium*².

² A way of charging for a product or service in which the basic product or service is free, but the customer pays for extra features. Cambridge Dictionary on line. Uma maneira de cobrar do cliente por recursos extras, por um produto ou serviço básico e gratuito.

Previsão para o número de usuários online de serviços de namoro em todo o mundo de 2017 a 2024

(em milhões)

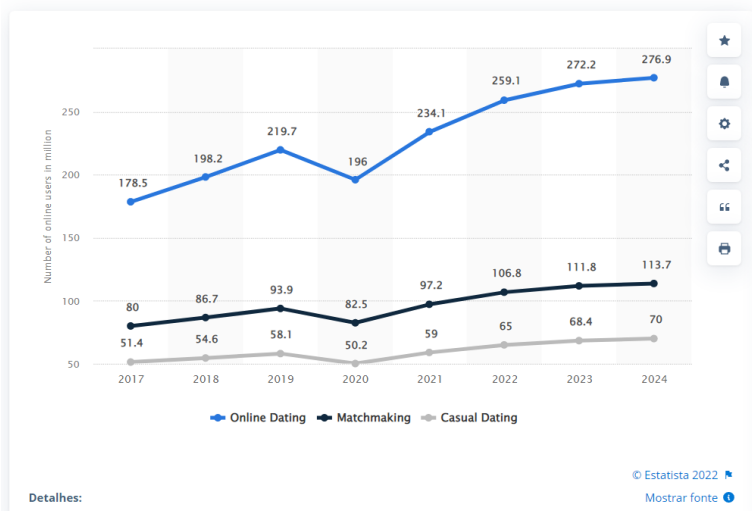


Figura 1 (Fonte: Statista.com)

Buscamos perceber o porquê cada vez mais, essa “nova” (quando digo nova, me refiro à prática do uso da internet) cultura estar ganhando a atenção dos jovens, e de outros grupos etários, podendo por vezes deixar de lado antigas práticas sociais de relacionamento como a paquera, a conquista e o namoro, e passando a utilizar a tela de um celular ou computador. De acordo com Azevedo (1986), namorar é um mecanismo de transformação nas sociedades, são ritos de afetos muito importantes.

Norbert Elias (1994) faz uma crítica ao conceito de sociedade como sendo uma “acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais”, um conjunto de indivíduos, seres únicos e indivisíveis, que vivem de forma ordenada e organizada.

“A sociedade é entendida, quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais, quer como objeto que existe para além dos indivíduos e não é passível de maior explicação. Neste último caso, as palavras de que dispomos, os conceitos que influenciam decisivamente o pensamento e os atos das pessoas que crescem na esfera delas, fazem com que o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas, concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes.” (Norbert Elias, 1994)

Com base nos conceitos de indivíduo e sociedade, percebe-se que não há como falar de um sem falar do outro. Indivíduo e sociedade se completam e promovem diversas relações entre si. E partindo dessas relações que os indivíduos promovem na sociedade, optamos por analisar as relações afetivas dentro do universos dos aplicativos virtuais de relacionamento.

As relações interpessoais de relacionamento afetivo, têm início no namoro³. Ou seja, duas pessoas que se conheceram e decidiram se relacionar, buscando conhecimentos e experiências, criando vínculos afetivos, como compromisso e intimidades. Esse relacionamento, normalmente inicia-se pelo *flirt*⁴, e pode evoluir até uma relação de compromisso mais “séria”, como noivado e/ou casamento, segundo Pereira(2014) “O flirt seria uma etapa anterior ao namoro, definido como uma espécie “namoro inofensivo”, um namoro sem consequências” (Azevedo, 2004).

Além dos conceitos acima, este trabalho de pesquisa, também está baseado nos estudos realizados a partir de Pais (2003), que aborda questões sobre a afetividade juvenil e culturas afetivas, com Belloni (1995) que discute as novas tecnologias com a relação humana, em Lèvy (1999), Castells (1999) e Lipovetsky (2009), que apontam estudos sobre o ciberespaço, sociedade hiperconectada ou de hiperconsumo, e em Byung-Chul (2012), que nos mostra os “atuais habitantes do panóptico digital”, os usuários dos aplicativos.

Em Bauman (2004), abordaremos sobre os conceitos de amor líquido e espaço público e privado como também em Habermas (1984). Esses e outros autores, como Nunan e Penido (2019) que discutem os relacionamentos amorosos na era digital, serão abordados para compreender como os jovens se relacionam por aplicativos de relacionamento e como desenvolvem essa cultura afetiva dentro dessa sociedade digital, além de vários outros autores.

A tecnologia é hoje para o homem, o que a pedra era para o homem das cavernas, um instrumento para facilitar sua relação com uma ação pretendida. Porém, o uso constante da tecnologia e mídias sociais transformaram o homem e sua cultura, influenciando a vida cotidiana ao longo dos anos. Lèvy (1996) descreve o surgimento

³ Condição ou o estado de comprometido. Quando duas pessoas têm uma relação amorosa e que ainda não estejam casadas, diz-se que são namorados. O termo também se refere ao tempo que dura esse estado de relação. (Significados.com.br)

⁴Ter com alguém uma relação amorosa curta ou de pouca importância. Tentar conquistar alguém. Cortejar, galantear.

desse novo espaço cultural e virtual como algo em metamorfose, estando sempre em transformação. Para ele:

“O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (Lèvy, 1999, p.17)

O mundo virtual, existe há pelo menos duas décadas, e argumenta Castells (2005, p.17):

“O nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias.”

E completa Lèvy (1996, p.5) o virtual é local de compartilhamento, não havendo distinção entre público e privado. No senso comum, virtual é tudo o que não está no mundo real, físico, que não pode ser tocado e que faz parte do mundo digital, como um imaginário. O autor ainda defende que, essa comparação entre virtual e real é enganosa, não fazendo parte de mundos opostos, mas sim uma complementação de um ideal de realidade.

O surgimento da esfera pública no final do século XVIII, como resultado da luta da burguesia e a ascensão do capitalismo, contou com a ampliação da participação política e o fortalecimento dos ideais de cidadania da época. Representa uma dimensão social que atua como intermediária entre o Estado e a sociedade, onde o cidadão expressa a sua vontade, discute e avalia, sendo o portador da opinião pública.

Habermas, em “Mudança estrutural da esfera pública” relata que:

“A última configuração da representatividade pública, ao mesmo tempo reunida e tornada mais nítida na corte dos monarcas, já é uma espécie de reservado, em meio a uma sociedade que ia se separando do Estado. Só então é que, num sentido especificamente moderno, separam-se esfera pública e esfera privada.

Em alemão, só após a metade do século XVI é que também se encontra, então a palavra “*privat*” (privado) emprestada do latim *privatus*, e isso no sentido que, naquela época, também assumiram em inglês “*private*” (...). *Privat* significa estar excluído, privado do aparelho do Estado, pois “*público*” refere-se entretantes formado com o Absolutismo e que se objetiva perante a pessoa do soberano.” (1984, p.23-24)

Os ideais de esfera pública de Habermas estão ligados à razão, ou seja, é ela quem “regula” as ações da sociedade, onde a opinião pública é formada dando base a ideais democráticos.

“A subjectividade e a racionalidade são dois pólos que se revelam na esfera pública burguesa. Ou seja: a expressão do sentimento está directamente ligada à manifestação de uma intimidade constitutiva da nova distinção entre público e privado.” (Habermas, 1984, p.60-61 apud Correia, 2002, p.30)

Bauman (2005) também elabora sobre espaço público e privado:

“Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las.” (p. 10)

Atualmente, a internet, a rede, tornou-se um espaço amplamente público, inclusive para informações que deveriam ser privadas, segundo a moral e a ética; no

caso da pesquisa, por se tratar de relacionamentos por aplicativos, fotos e vídeos íntimos, por exemplo, podem ser compartilhados publicamente em segundos.

Mitchell (2005, p.336), em seu capítulo no livro “Sociedade em rede do conhecimento à acção política”, defende que, como o próprio nome diz, sociedade em rede⁵, não se limita apenas ao mundo tecnológico e a sua evolução, mas a um conjunto de outras tecnologias e a relação entre elas, como compartilha a listagem das 25 inovações tecnológicas dos últimos 25 anos, segundo Massachusetts Institute of Technology. São elas:

1. a internet
2. o telemóvel
3. o computador pessoal
4. fibra óptica
5. correio electrónico
6. GPS comercial
7. computadores portáteis
8. discos de memória portáteis
9. câmeras digitais familiares
10. RFID (identificação por frequência de rádio)
11. MEMS (Sistemas Mecânicos Micro-eléctricos)
12. impressões digitais de ADN
13. Air Bags
14. caixas Multibanco
15. baterias avançadas
16. carros híbridos
17. OLEDs (papel electrónico)
18. monitores
19. Televisão de Alta Definição
20. Space Shuttle
21. nanotecnologia
22. memória flash
23. voice-mail (gravador de chamadas)
24. auxiliares modernos de audição
25. frequência de rádio de curto alcance. (p.336, apud Lemelson, 2005)

Pesquisas demonstram um elevado e crescente número de usuários na internet e sua utilização em todo o mundo. O número de usuários de mídias sociais em abril de 2022 era de 4,65 bilhões, passando em média 6 horas e 53 minutos conectados por dia, significando que todos os usuários juntos gastam um total de 2 trilhões de minutos por dia, segundo o Relatório Global de Estatísticas (2022) do site Datareportal.

⁵ Sociedade em rede para Castells (2006), é a sociedade moderna organizada de forma em que todos os campos da vida social estão entrelaçados como uma rede.

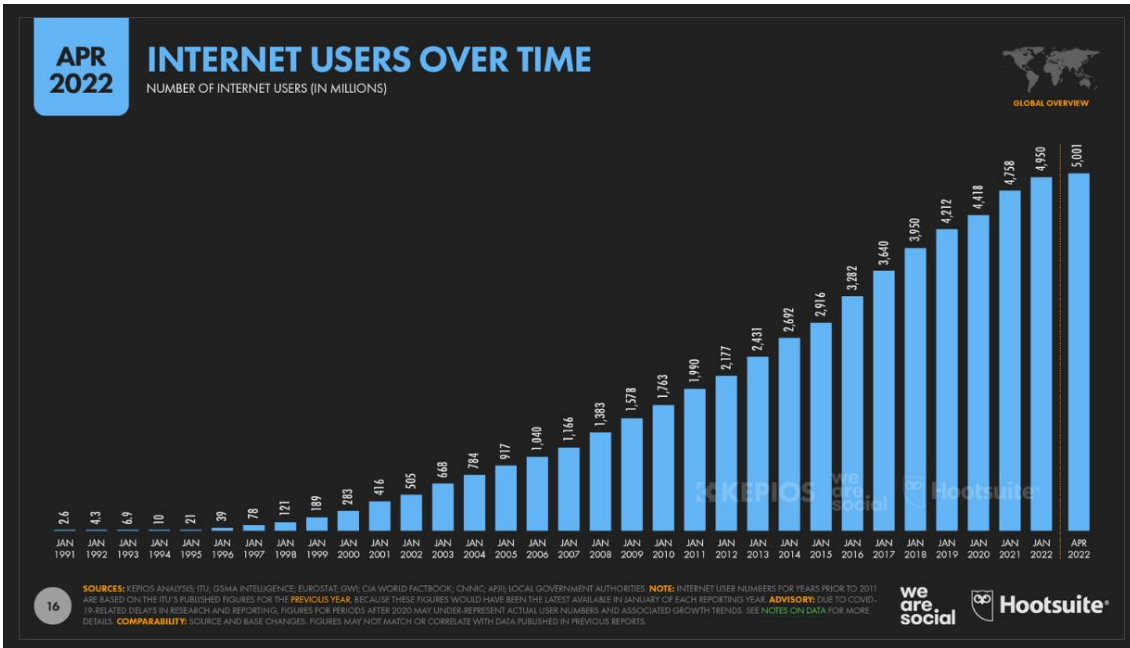


Figura 2 – (Fonte: Datareportal.com)

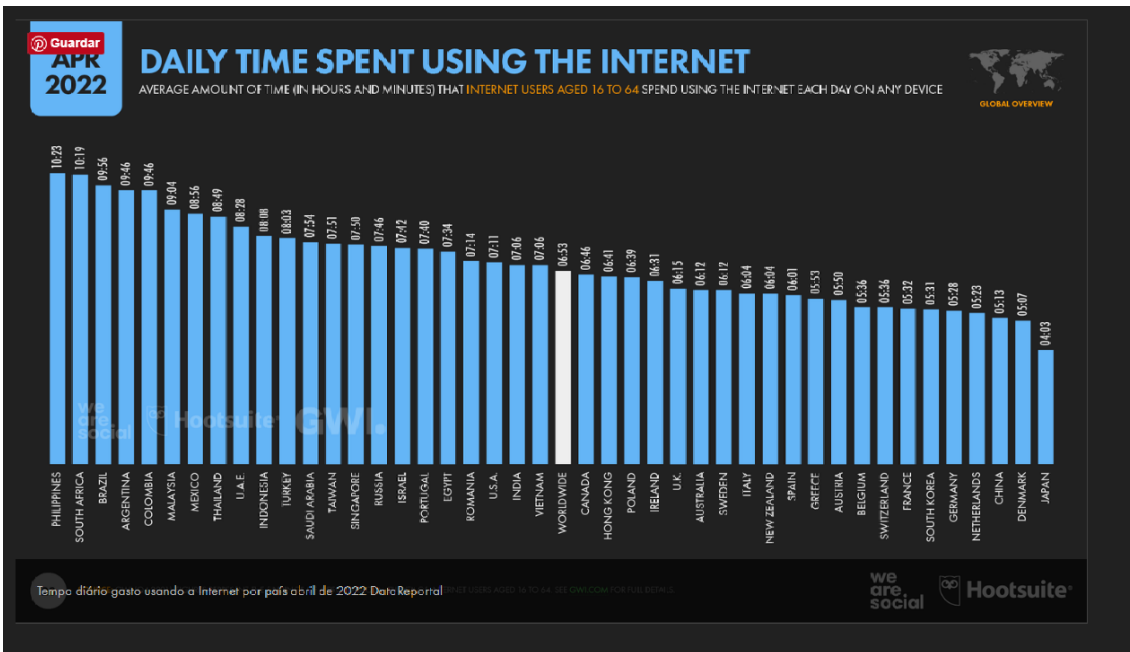


Figura 3 - (Fonte: Datareportal.com)

O psicólogo Cristiano Nabuco de Abreu (2013), descreve como os usuários se distraem com os aparelhos e não conseguem gerir o tempo ao utilizá-lo. Em suas palavras em entrevista ao site Terra (2013) diz: *"Está cada vez mais complicado resistir ao impulso e ao uso da internet, e isso se torna patológico, acabando em perda progressiva de controle e aumentando o desconforto emocional"*.

Estar conectado 24 horas por dia, não perder ligações, mandar e-mails ou mensagens, ter acesso às notícias em tempo real e atualizadas a cada minuto, são questões de uma sociedade digital e hiperconectada.

Castells (2000) afirma que a internet promoveu a multiplicação da comunicação, transformando a cultura de acordo com a realidade virtual. Ou seja, essa forma de comunicação virtual, sobrepôs ao longo do processo do desenvolvimento tecnológico, outras formas de comunicação. Outrora somente era possível através de rádio, televisão, jornais ou cartas. A cultura da comunicação foi evoluindo, assim como a cultura afetiva e a forma como os jovens vem se relacionando pela internet.

A sociedade contemporânea no geral, vem desenvolvendo através da internet, uma crescente cultura digital, que por sua vez pode introduzir diversas nuances na cultura afetiva. Vivemos num tempo digital que trouxe a afetividade para dentro desse mundo, a tecnologia parece ter transformado a afetividade entre os indivíduos, mas vamos nos ater aos relacionamentos entre os jovens, que é o foco da pesquisa.

Muitos autores como Stanley Hall (1904), Erick Erickson (1776), Aberastury e Knobel (1989), Eric Hobsbawn (1995), Levi e Schmitt (1996), Luis A. Groppo (2000) e Helena Abramo (2005), entre outros, apresentam definições de juventude, mas segundo Pais (2003, p.47), não existe uma definição ou conceito único, pois “as diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente, diferentes teorias”.

Partindo dessa ideia, percebe-se que os jovens produzem uma “cultura juvenil” de acordo com a utilização da tecnologia e de seus relacionamentos por aplicativos, como descreve Pais (2003, p.36), é uma cultura que existe como representação social.

A juventude é marcada pelo estigma de conflitos e problemas, que vão desde o emocional ao social. Ainda segundo Pais (2003, p.42), a juventude não é socialmente homogênea, está dividida em função dos seus interesses. Concordando com A. Sedas Nunes (cit in Pais, 2003), que a sociologia da juventude explora não só as semelhanças, mas também as diferenças sociais que existem dentro de uma mesma geração de grupo de jovens.

Segundo Pais (2003):

“(…)as imagens que os grupos de jovens formam de si mesmos e dos outros parecem orientar as relações que se estabelecem

entre os grupos. Os grupos de amigos são exemplos destas redes grupais, ao assegurarem uma certa identificação entre vários elementos que constituem (têm gostos semelhantes musicais, literários, etc.) e ao funcionarem como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos dos jovens que os integram e das atividades que praticam de forma compartilhada.” (p.114)

Dentro desse contexto, o estudo visará investigar e aprofundar a cultura juvenil, e como seus relacionamentos sociais e afetivos são produzidos no contexto do cyberspaço. Abordando em Pais (2003) os problemas sociológicos a fim de esclarecer questões de natureza teórica para a prática, ou buscando entender também, como os relacionamentos virtuais se tornam mais descartáveis, segundo o conceito de “amor líquido” de Bauman (2004), que abordaremos mais adiante.

O modo como os jovens se relacionam hoje por aplicativos de relacionamento chama-me muita atenção. Autores como Belloni (1995), acreditam que as novas tecnologias fizeram uma mediação da relação humana com o meio físico e social, transformando olhares, subjetividade e conhecimento; ou como Pais (2012) que afirma que a tecnologia é uma forma de expressão dos mais jovens.

A subjetividade é algo que varia de pessoa para pessoa e varia de acordo com os sentimentos, hábitos e experiências de cada um, é algo interno e único de cada pessoa, faz parte da sua essência como ser humano. Dessa forma, muitos jovens são influenciados pelas transformações ocorridas pela tecnologia.

Estamos presentes, mesmo estando ausentes, distâncias se encurtaram. Num piscar de olhos e teclar de dedos se tem a informação em tempo real. Essa tecnologia beneficiou em muitos aspectos a humanidade, tornando ainda mais o ser humano onipresente em seus relacionamentos virtuais, e em todas as suas interações, podendo impactar suas decisões futuras. Em Castells (2000) ele escreve:

“No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”. (p.39)

Ainda segundo Castells (2000), essas tendências tecnológicas trouxeram algumas mudanças nas relações sociais:

“As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando formas e canais de comunicação, mudando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica. Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo um domínio de disputa, em vez de uma esfera de reprodução cultural.” (p.40)

Nesse sentido, percebe-se uma possibilidade de “reconfiguração” do modelo de cultura afetiva anterior ao modelo vigente entre os jovens e seus pares. Autores como Nunan e Penido (2019, p.15) no prefácio do livro *Relacionamentos amorosos na era digital*, afirmam que “a evolução do mundo digital encurtou as distâncias, inundou o mercado de possibilidades e aproximou as pessoas.

Os aplicativos nunca foram tão populares.” Também como reforçado por Campbell (2001), as trocas virtuais podem causar impactos na atual sociedade de consumo, intensificando ainda mais a objetificação dos usuários nos sites e nos aplicativos de relacionamento. Corroborando estão Penido e Teles (2019):

“A internet, desde seu surgimento, coloca-nos questões sobre seu uso: as consequências são positivas ou negativas? A internet, cada vez mais, tem assumido uma importância crescente na vida das pessoas e as dúvidas sobre seu uso aumentado, gerando uma lacuna sobre o que seria um uso saudável. Pesquisas sobre qual o melhor uso da internet e como acontece a integração entre a vida on-line e a off-line têm sido descritas na literatura.” (p.131)

Já em relatório divulgado pela Globalwebindex (2019), o surgimento de ferramentas digitais de bem-estar ou entretenimento para que as pessoas possam se

relacionar através da internet, vem crescendo entre os jovens de 16 e 34 anos. Assim como em levantamento de Bianca Vickers do Pagbrasil (2019):

“Embora haja mais mulheres no Brasil do que homens (51% contra 49%), os dados da eMarketer mostram que os homens possuem mais smartphones. Enquanto 57% de todas as mulheres adultas possuem um smartphone, o total entre a população masculina é de 63%. As Geração Z e Millennials (18-34) assumem a liderança, com 85% deles possuindo um smartphone, seguido por 63% dos adultos com idade entre 35 e 49 anos e 32% com 50 anos ou mais. Além disso, 63% dos usuários possuem telefones celulares pré-pagos.” (site Pagbrasil,2019)

Percebe-se uma mudança no desenvolvimento social e afetivo entre as pessoas, com a chegada da tecnologia e dos aplicativos de relacionamento, novas práticas podem surgir, mudando a forma de se relacionar. A cultura afetiva, antes baseada no olho a olho, no toque das mãos, hoje encontra-se no cyberspaço. Ainda na visão de Penido e Teles (2019):

“O mundo digital chegou para ficar e (...) se debruça sobre importantes questões contemporâneas que o acesso à internet trouxe para os relacionamentos amorosos. Grande parte da vida social e amorosa de homens e mulheres atualmente acontece on-line e isso levanta questões sobre as diferenças e as semelhanças entre os relacionamentos on-line e off-line.” (p.19)

A sociedade em rede ou da hipercomunicação trouxe um novo cenário à sociedade, foram criados depois dos computadores com grande capacidade de armazenamento de dados, a telefonia móvel. A evolução tecnológica transformou toda a vida da humanidade e não só os meios de comunicação, mas tantos outros como de transportes, educação, medicina e etc, trazendo conectividade 24 horas por dia. No Brasil, um a cada cinco usuários usa aplicativos de relacionamento, segundo pesquisa do CONECTAÍ Expressa no site Terra (2017).

Já em Portugal, segundo pesquisa do Instituto Nacional de Estatística (INE), cerca de 76% da população já usa redes sociais em geral. Outro dado importante é a média de 26 milhões de “matches” (forma usada para designar quando as pessoas

possuem perfis compatíveis e selecionam uma a outra através do “like” do aplicativo) por dia, só em 2016, no aplicativo “Tinder”⁶ (o mais usado aplicativo de relacionamento do mundo).

Segundo Sean Rad, cofundador e presidente do aplicativo, em entrevista ao site Observador (2016), diz que “os portugueses utilizam muito o Tinder, conversam na *app* [entre dois a sete dias] e conhecem-se depois. Admitindo que quer ir “além do romance” e tornar a aplicação numa experiência mais social”, mostrando que as relações contemporâneas estão mudando através da internet.

É preciso entender o que leva esse grupo de usuários a buscar novas formas de se relacionar, o que esse tipo de cultura afetiva no espaço virtual trouxe, e que sentido é que dão a elas. A revolução tecnológica trouxe muitas mudanças num espaço de tempo pequeno para tantos avanços. Para Barros e Roldão (2017), o século XXI é marcado pela ascensão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), criando contornos na utilização das redes sociais.

Castells (2000) como mencionado acima, relata as transformações sociais e tecnológicas dando origem a uma nova forma de sociedade, ou seja, uma sociedade conectada pela internet, dialoga com Borges & Lana (2019) quando dizem:

“Com a popularização da internet, no final dos anos 1990, a primeira utilização para relacionamentos foram as salas de bate-papo, ou chats. Nelas, as pessoas se conheciam a partir de apelidos, sem a utilização de fotos. Posteriormente, surgiram as redes sociais. Entre 2005 e 2011, no Brasil, o Orkut fez bastante sucesso. A partir de então, os usuários começaram a migrar para o Facebook, que domina esse mercado praticamente no mundo todo. As redes sociais permitem diálogos e o conhecimento do perfil psicológico de um pretendente. Inicialmente, alguns sites mais específicos para relacionamentos foram surgindo. Nesses sites, o usuário cria um perfil e sai em busca de outros perfis, podendo iniciar uma conversa virtual com quem for do seu interesse. São serviços gratuitos ao usuário, com a opção de pagar por algumas funcionalidades extras. Alguns destes aplicativos

⁶ O Tinder® foi lançado num campus universitário em 2012 e hoje é a app mais popular do mundo para conhecer pessoas novas. Já foi transferido mais de 340 milhões de vezes e está disponível em 190 países e em mais de 40 línguas. (Fonte: Tinder.com). Aplicativo de relacionamento para Android e iPhone (iOS), que combina pessoas a partir de um “match” — nome dado pela plataforma para quando ocorre interesse mútuo entre dois usuários.

mais famosos são o Tinder, Happn, Par Perfeito e o Plenty of Fish.” (p.37)

Entre os usuários desses aplicativos, sabemos que um “like” ou um “match” fazem parte da nova paquera/flirt virtual, tornando-os mais evidentes e deixando-os mais livres para se relacionarem com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Os aplicativos transformaram-se em um cardápio humano. Segundo Byung-Chul (2014):

“O mundo do século XVIII é um *teatro do mundo*. O espaço público assemelha-se há um cenário teatral. A *distância cénica* impede com impacto imediato entre os corpos e as almas. O *teatral* opõe-se ao *tátil*. A comunicação passa através de formas rituais e de signos, e isso alivia alma. Na modernidade, renuncia-se cada vez mais a distância teatral em proveito da intimidade. (...) O Mundo não é hoje um *teatro* onde se *representem e leiam* ações e sentimentos, mas um *mercado* onde se expõem, vendem e consomem intimidades. (...) Hoje, a *representação* teatral cede o seu lugar à *exposição* pornográfica.” (p.53)

Um fato muito importante colaborou para o aumento do número de usuários por aplicativos de relacionamento e internet em geral a partir de 2019. O mundo passou por uma pandemia. No final do ano de 2019, surge na cidade de Wuhan, na China, um vírus nunca detectado em humanos, denominado SARS-CoV-2 (síndrome coronariana aguda 2), cientificamente chamado de COVID-19.

Sem que se dessem conta, o vírus foi se espalhando e chegando a outras cidades e países. Os governos implementaram medidas de segurança a fim de evitar um contágio maior, seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Entre essas medidas, estavam o fechamento de fronteiras, o isolamento social, cancelamento de shows e viagens internacionais e encerramento das atividades dos comércios, indústrias e escolas.

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2020, o vírus ainda era considerado uma epidemia, porém, os números de suspeitos infectados, infectados de fato e óbitos não parava de crescer. Então, em 11 de março de 2020, a OMS declarou o Covid-19 como pandemia, por se tratar de uma doença que se espalhava de forma muito rápida por todos os continentes.

Os números da pandemia foram alarmantes, e ainda hoje sofremos algumas consequências, que não cabem a essa pesquisa, como o número de mortes causadas pelo vírus.⁷

A presente proposta de investigação justifica-se então, na medida em que se pretende entender como um determinado grupo de jovens (re)configuraram essa cultura afetiva. O que há de tão atrativo em conhecer pessoas no plano virtual? Como as mudanças comportamentais e seus relacionamentos através da internet e de aplicativos de namoro – seja para amizades, encontros casuais ou relacionamentos futuros – podem contribuir para a percepção do modelo cultural vigente utilizado pelos jovens para se relacionarem entre si, buscando compreender as práticas utilizadas e quais as motivações que os levam a esses aplicativos.

Averiguamos que há estudos incipientes nesta área, e são poucos os artigos encontrados sobre relacionamento por aplicativos digitais como Pelúcio (2016), Duportail (2019), Cardoso (2016) e Sepúlveda e Vieira (2017).

⁷ Informações do site da OMS.

2 Capítulo

Histórico das relações amorosas através dos séculos

É possível definir o amor? É um sentimento? Uma emoção? Pode ser físico? Qual a sua intensidade? O amor pode ser definido de muitas formas, dependendo da percepção de cada um e do tipo de relação em que se desenvolve. Mas não se pode negar, que a palavra amor sugere algo intenso, algo forte. Segundo definição do dicionário on line Priberam, amor, substantivo masculino significa:

“Sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atracção; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa. Sentimento intenso de atracção entre duas pessoas. Ligação afectiva com outrem, incluindo geralmente também uma ligação de cariz sexual.”
(entre outros)

O amor se desenvolve quando há relação entre duas ou mais pessoas, como um casal ou uma família, e pode ser correspondido ou não. Mas o amor também pode ser estendido ao trabalho, animais, a lugares e até a objetos. Para muitos o amor impulsiona a vida.

Muitos autores falam sobre o amor, mas em Santo Agostinho, podemos perceber a sua essência e ninguém melhor do que ele em toda a Idade Média tratou de temas como o amor, o pecado e o livre-arbítrio. Considerado um dos maiores filósofos da igreja, Santo Agostinho levou uma vida inquieta, sempre buscando a verdade, questionando Deus, questionando o bem e o mal, o livre-arbítrio.

Procurava uma resposta na filosofia sobre o conceito de amor e dizia que podemos refleti-lo como dependente - o amor é desejado. Ela abordava o amor como uma falta, algo que você não possui, mas espera ter como forma de alcançar a felicidade, a plenitude. (Arendt, 1997, p.17)

Pensar nesse sentido pode significar pensar em um amor maravilhosamente conquistado e pleno que uma pessoa tem, mas que causa ansiedade. A inquietação do medo da perda, um medo que pode realmente causar a perda sufocando o Eu desejado com ciúmes, medo do futuro, medo do que não se pode controlar.

Ele acreditava que somos o que amamos, ou seja, o que define a natureza humana é o que se ama. O amor é mutante, e evolui constantemente como o ser humano. Ao amar pessoas e coisas diferentes nos tornamos diferentes. Dessa forma, ele dizia que, primeiro deveríamos amar para depois sermos amados e que a essência humana dependeria do que se amava e de como se amava.

Ser bom significa amar e gostar do que deve ser bom, ao contrário de amar o mal ou algo desagradável, que nos leva ao fracasso e a desilusão. Felicidade é amar a coisa certa, a pessoa certa, o lugar certo, amar o bem é o caminho certo. Mas se o amor é um bem, uma dádiva de Deus, de onde viria o mal? A explicação na visão de Agostinho é que o mal é uma deficiência, uma ausência do ser do bem. (Agostinho, 1995, p.16). Mas às vezes, embora gostemos do que é certo, não podemos ter o que gostamos. O amor se manifesta como uma ausência, acreditava Santo Agostinho.

"O corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para abaixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim o fogo encaminha-se para acima, e a pedra para abaixo. Movem-se segundo o seu peso. Dirigem-se para o lugar que lhes compete. O azeite derramado sobre a água aflora à superfície; a água vertida sobre o azeite submerge-se debaixo deste: movem-se segundo o seu peso e dirigem-se para o lugar que lhes compete. As coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas, quando o encontram, ordenam-se e repousam. O amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva" (Santo Agostinho, 1973, p. 292)

O equilíbrio é necessário, reduzindo o nível e a força da ganância, uma vez que o coração humano não está mais ligado às coisas e unido a Deus. Quem vive esse amor promove a felicidade social, pois o vive em harmonia e com prioridades bem definidas. O amor de Deus o levou a buscar a ordem social e a justiça. Isso se torna a expressão coletiva, na ordem social, do amor de Deus.

O ideal de uma sociedade justa só pode ser realizado se houver amor. Nenhuma sociedade justa se constrói sem amor. Não é uma lei, muito menos seus defensores, que promovem a justiça, pois ela é filha do amor, segundo Agostinho. Para o filósofo, os nossos pecados são o “mal moral” (Confissões, 1995, p.68), que nasce do livre-arbítrio da essência humana.

Taylor (1997, p. 93), citando Platão (427-347 a.C.), fala sobre os bens da vida, das virtudes, aos quais ele chama de ‘constitutivo’, por se tratar de característica de uma boa vida. Ele descreve que o bem constitutivo é mais do que um componente da moral, é o amor que capacita o ser humano a ser bom.

O livre-arbítrio, dom divino, permite ao ser humano agir conforme sua vontade, agindo conscientemente. Porém, torna-se a causa de todo o mal por aqueles que não o usam corretamente. O livre-arbítrio não só influencia a vida do homem, mas da sociedade em geral e afeta todas as suas relações, para o bem ou para o mal.

Segundo Santo Agostinho, Deus tem um conhecimento prévio de toda a nossa existência, e mesmo sabendo de todas as coisas, por conta do nosso livre-arbítrio ele não interfere e não nos nega essa liberdade, para que possa existir a virtude e as boas ações, caso contrário não faria sentido para a ética da humanidade.

A liberdade é um pressuposto para a ética, porque se o ser humano não age virtuosamente, segundo Santo Agostinho em seu livro, não estaria agindo de forma ética.

“Por qual motivo, então, nem todos eles a obtêm? Porque, como nós o dissemos e concordamos, é voluntariamente que os homens a merecem. E acontece que voluntariamente também chegam a uma vida de infortúnios. E assim, recebem o que merecem. Mas eis que surge não sei qual contradição a tentar derrubar – se não fizermos um exame atento e minucioso – as nossas conclusões de há pouco, tão bem elaboradas e tão fortemente apoiadas. Com efeito, como se explica que os homens sofram voluntariamente uma vida infeliz, se de modo algum ninguém quer viver no infortúnio? E como se explica que, sendo por sua própria vontade que o homem obtém vida feliz, quando acontece que tantos são infelizes, apesar de todos quererem ser felizes? Será que isso não vem do fato de que uma coisa é querer viver bem ou mal e outra

coisa muito distinta é merecer o resultado por uma boa ou má vontade?” (Santo Agostinho- O Livre-arbítrio, p.48)

Agostinho diz que, sendo Deus onisciente, tem domínio de todas as coisas, mas não significa que ele intervenha diretamente nas ações dos seres humanos, por serem seres livres. A busca da felicidade e a vontade de amar, é responsável por conduzir a humanidade na procura a na busca do amor de Deus, que para Santo Agostinho é a única fonte capaz de saciar a sede de amor e de uma vida feliz do homem.

Seguindo o ideal de amor de Santo Agostinho, entre os séculos XII e XIV, nos deparamos ao amor cortês, que segundo definição do dicionário é: “tipo de amor impossível, caracterizado pelo jogo amoroso, em que o homem corteja a amada por longo período, sem nunca concretizar esse sentimento.” Foi uma época em que o amor fora marcado pela poesia em trovas, o chamado trovadorismo da era medieval, dos cavaleiros e trovadores, onde a etiqueta e o galanteio enalteciam o amor.

Porém, havia uma contradição entre sentimentos, entre satisfação e realização, “ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e disciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente” nas definições de Newmam (1968, p. 7).

“O Amor Cortês, em suma, deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece. Emoções e resultados os mais contraditórios harmonizam-se no seu seio, nas vidas intensas dos trovadores, nos seus poemas apaixonados.” (Barros, 2015, p.221)

O amor cortês desempenhava um papel social importante nesta sociedade medieval, que emergiu da sociedade feudal e segundo Norbert Elias (1994) destacava, o papel do amor cortês nesses nichos, era de proporcionar aos que desejavam uma cultura mais refinada.

"Quereis ouvir, senhores, um belo conto de amor e morte? É de Tristão e Isolda, a rainha. Ouvi como em alegria plena e em grande aflição eles se amaram, depois morreram no mesmo dia, ele por ela, ela por ele" (Bérdier, 2012, p. 1)

O poema de Tristão e Isolda, de autoria de Joseph Bédier(1884-1938) foi uma trágica lenda sobre o amor de um jovem cavaleiro e sua dama, que marcaram a época como um amor inatingível e triste de um casal apaixonado que não poderia viver o seu amor.

Entre os séculos XVIII e o início do século XIX, período em que nasce o Romantismo, movimento artístico, político e social, marcado pela Revolução Francesa e ascensão da burguesia, exaltando a beleza da natureza, a liberdade, os ideais nacionalistas, a subjetividade, e o egocentrismo.

Segundo Imbroisi e Martins (2022):

“O termo romântico foi empregue pela primeira vez na Inglaterra para definir o tema das novelas pastoris e de cavalaria que existiam nessa época. Romântico significava pitoresco: expressão de uma emoção que é definida e que foi provocada pela visão de uma paisagem.”

A mulher era idealizada como uma virgem e frágil, os sentimentos eram motivados pela imaginação e pela fantasia, eram muito exagerados e impulsivos, e valorizavam o “eu” narcisista⁸. Mas segundo Isaiah Berlin:

“A importância do Romantismo é ter sido o maior movimento recente que transformou a vida e o pensamento do mundo ocidental. Creio ser ele a maior mudança já ocorrida na consciência do Ocidente, e todas as outras mudanças que aconteceram ao longo dos séculos 19 e 20 me parecem, em comparação, menos importantes e, de todo modo, profundamente influenciadas por ele.” (2022, p.16-17)

Seguindo a trajetória de amor, surge o amor romântico, com características de um amor idealizado, ainda como no romantismo, um amor impossível, mas com a ideia de um amor eterno, ligado à arte da sedução, porém enfatizando a fidelidade e o compromisso em relação à constituição da família. (Guedes e Assunção, 2006, p. 402-404).

⁸ O termo é derivado de Narciso, da mitologia Grega. Narcisismo é um conceito da psicanálise que define o indivíduo que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por si mesmo. (Fonte: significados.com.br)

De acordo com Costa, 1998 apud Guedes e Assunção, 2006, p.339), diz que “o amor estava ligado a um impulso que dirigia o homem e a mulher para alguém do sexo oposto ou não, cuja força motriz relacionava-se ao conteúdo afetivo.”

Fazendo um comparativo muito breve entre as relações afetivas depois de Santo Agostinho até os séculos XX e XXI, percebemos quantas modificações sofreram e ainda sofrem constantemente, mesmo entendendo que a sociedade evoluiu. As relações não poderiam ser as mesmas, existem profundas mudanças que devem ser levadas em consideração, como por exemplo a mudança nas estruturas do casamento e a emancipação feminina a partir de meados do século XIX.

“E é absurdo negar a todas as mulheres direitos civis , porque os cuidados da casa e família consomem todo o seu tempo : de algumas, mas não de todas ; era como excluir todos os homens da Assembléa, porque são alguns marinheiros , outros soldados em serviço activo , ou negociantes, cujo negócio requer toda a sua atenção e energia. A mulher nasceu livre; a mulher está em ferros nesta época de hoje, em que tudo respira a liberdade; é tempo de considerar este objecto, e tratar de uma reforma que se poderia chamar a mais magnífica neste mundo. É tempo que o homem neste século das luzes, quando grita liberdade, compreenda a dignidade da mulher , e a baixeza do abuso de forças.”(Tratado sobre Emancipação Política da Mulher, 1868, p.8)

A emancipação feminina traz à luz a luta pela igualdade de direitos em todas as esferas da sociedade, onde a mulher busca se libertar dos poderes patriarcais a que era submetida antes de serem inspiradas com os movimentos da Revolução Francesa.

“Durante muito tempo a história da humanidade foi protagonizada por homens, sendo as mulheres deixadas à sombra da história, situações em que estiveram conformadas em ocuparem os bastidores da vida social, proibidas de integrar-se aos assuntos masculinos, condenadas a clausura do espaço privado, envolvida com a vida da casa, de esposa e na educação dos filhos, longe de serem percebidas pela história, que se restringia em versar da vida pública, esfera quase que exclusiva dos homens.” (Schmidt, p.2, 2012)

Durante os anos da Revolução Francesa, um movimento de libertação de preconceitos, fez com que a dominação cultural da França derrubasse fronteiras da Europa e do mundo, buscando uma sociedade mais democrática. Destacava-se o papel de filósofos iluministas, como Rousseau, que dizia que as mulheres eram complementares ao homem, guiadas pela emoção e o homem pela razão.

De acordo com Junior e Dantas (2020) sobre a emancipação feminina no iluminismo, dizem:

“(...)coloca-se em pauta argumentos concernentes a problemáticas de gênero que versem a condição da mulher na Idade das Luzes, na qual os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade consubstanciavam a escrita das Cartas Constitucionais. Os temas são abordados, de outra feita, de modo historicamente situados sob a fala de Wollstonecraft que, contrapondo-se especialmente a Rousseau e sua obra *Emilio ou da Educação*, destaca que a mulher havia sido excluída da cidadania pela recém-promulgada Constituição Francesa (1791), não possuindo direito ao voto, à participação política e ao acesso à educação formal. A tutela feminina permanecera vinculada à autoridade masculina: passava da tutela paternal para marital, e tão-somente isso.” (p.264)

Segundo Giddens (1993), os casamentos que no século XIX eram quase um negócio, passaram a ter romantismo (o romantismo é uma palavra que tem outras conotações), o ato da conquista e o interesse afetivo. Mas, os tempos evoluíram, e para ele, os relacionamentos considerados “puros”, eram livres da obrigação de constituir uma família através da reprodução e voltados para a sexualidade, apresentando-se como uma nova forma de relação amorosa, diferente do romantismo, e há de se constatar que:

“(...)refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com a outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.” (Giddens, 1993, p. 69)

Para Bauman(1999) , as relações se liquidificaram, ou seja, tornaram-se frágeis e como o nome mesmo diz, líquidas, com falta de solidez, com tendências a serem cada vez mais superficiais e sem compromisso. Com o avanço tecnológico e o crescente consumo em massa, a utilização de aplicativos de relacionamento vêm corroborando para essa liquidez.

Os relacionamentos estão em constante transformação, assim como todas as esferas da vida humana, não construindo uma identidade ou criando vínculos duradouros. A contemporaneidade, característica, particularidade ou estado de ser contemporâneo; qualidade de existir ao mesmo tempo; coexistência, tudo o que acontece na época presente (Dicionário on line), nos aponta uma racionalização e um desejo de controlar tudo e todos, existe um imediatismo nas relações, como se não houvesse tempo para amadurecer os relacionamentos.

As relações amorosas do passado eram vistas como duradouras, com o objetivo de constituir uma família, mas as relações afetivas dos nossos antepassados, eram muito diferentes das relações atuais? Começando pela conquista até o casamento, dos recados por bilhetes até as cartas de amor, do primeiro toque na mão com o consentimento dos pais até o primeiro beijo.

Como descrito por Carpenedo e Koller (2004, p.1):

“As cartas amorosas imortalizam vivências e sentimentos do casal. Funcionam não apenas como um modo de comunicar, mas em especial de tornar presente, de substituir aquele que a escreveu – e que está ausente – pelo que está escrito (apud Amaral, 1948; Faur, 2001, apud Carpenedo e Koller, 2004).

Não há aqui um pensamento inocente de que as relações afetivas sempre mantiveram um padrão de conservadorismo ou de inocência. Nos anos 60 e 70, anúncios impressos em jornais, procuravam parceiros ideais. Já nos 80 e 90, além das revistas direcionadas a um público mais jovem e feminino, que existia no Brasil por exemplo, e das linhas de telefone, com chamadas pagas, onde as pessoas falavam com várias pessoas ao mesmo tempo, como uma linha cruzada, e ao se interessarem pela voz do outro lado da linha, trocavam seus verdadeiros números ou falavam pelos antigos orelhões de rua.

Mas o que mudou? A espera pelas tão aguardadas cartas românticas que traziam o sonho de uma relação futura a dois, foram deixando de existir e dando lugar a

outras formas de comunicação. E essa transformação passou a se reconfigurar, ao passo que a sociedade foi evoluindo com a chegada da globalização.

O fenômeno da globalização tem sido discutido por diversos autores sob diferentes perspectivas, face à sua complexidade e diferentes aspectos – como os econômicos, sociais e culturais. Exige, sobretudo, que sejam consideradas diferentes escalas de abordagem e o entendimento de como as relações de poder definem a fruição desta globalização.

Dessa forma, conforme suscitado por Bauman (1998, p. 3), a globalização não é um processo homogêneo, pois, ainda que estejamos todos inseridos de forma irremediável neste processo, os fatos demonstram que “(...) a globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo”.

O modo como se pensa a globalização e a conseqüente diversidade de enfoques refletem a complexidade e abrangência do tema. De fato, estas definições estão deveras associadas aos valores e visões de mundo de quem as escreve. Deste modo, a fim de prover uma visão holística acerca da produção acadêmica e institucional sobre o conceito, este artigo utiliza um estudo realizado por Campos e Canavezes (2007, p. 10), que buscou sublinhar aspectos comuns entre as mais diversas abordagens. São eles:

- trata-se de um processo à escala mundial, ou seja, transversal ao conjunto dos Estados-Nação que compõe o mundo;
- uma dimensão essencial da globalização é a crescente interligação e interdependência entre Estados, organizações e indivíduos do mundo inteiro, não só na esfera das relações econômicas, mas também ao nível da interação social e política. Ou seja, acontecimentos, decisões e atividades em determinada região do mundo tem significados e conseqüências em regiões muito distintas do globo;
- uma característica da globalização é a desterritorialização, ou seja, as relações entre os homens e entre instituições, sejam elas de natureza econômica, política ou cultural, tendem a desvincular-se das contingências do espaço;
- os desenvolvimentos tecnológicos que facilitam a comunicação entre pessoas e entre instituições e que facilitam a circulação de pessoas, bens e serviços, constituem um importante centro nevrálgico da globalização.

Embora Campos e Canavezes (2007) não tenham esgotado a análise de similaridades e diferenças encontradas nos diversos conceitos contemporâneos de globalização, a síntese organizada pelos autores dialoga com bibliografia relevante sobre o tema.

Zygmunt Bauman compartilha de alguns dos pontos supracitados, no entanto sua contribuição maior está em problematizar os impactos desses fenômenos, como afirmar que não somos todos “globalizados” igualmente. Segundo o sociólogo polonês (1998, p. 3), é evidente que os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente.

Segundo Bauman (1998), um dos principais desafios da globalização pode ser entendido como a interpretação das sobreposições das escalas de influência. Ele afirma que:

“Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” — transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.” (Bauman, 1998, p. 4).

A globalização que trouxe tanta inovação, que trouxe a tecnologia, que fez o mundo evoluir em velocidade acelerada, fez também as relações sociais, culturais e afetivas se transformarem, criando diversos aspectos e nuances na sociedade e as mudanças ocorridas nela de 20 anos até os dias atuais por exemplo.

As cartas de amor de gerações passadas, como falamos anteriormente, dão hoje lugar ao uso de tecnologias como o telefone e o computador, que ajudaram muito a humanidade, sem dúvidas; fizeram as relações sociais e familiares romperem barreiras de distância, mas as relações afetivas, objetivo da pesquisa, sofreram algum impacto, devido ao crescente uso de aplicativos de relacionamento, tornaram-se muito mais fluidas, devido a facilidade de acesso e rapidez de resposta.

A respeito disso, Francisquini (2016, p. 239), em seu capítulo: “O lugar dos meios de comunicação na democracia Habermasiana”, faz uma referência ao filósofo quando diz:

“Os media criam um espaço ampliado de visibilidade pública que concorre para um diálogo generalizado, que informa e reconstitui os espaços de deliberação mais restritos. Em um sistema mediático autorregulado, que seja independente em relação ao seu contexto, é possível conferir visibilidade pública às questões coletivas da vida em sociedade, dar expressão aos atores sociais e promover, assim, a sua entrada na cena pública”

A sociedade em rede, processo histórico conhecido como “globalização”, permite a interação de pessoas em qualquer lugar do mundo por meio de computadores, aparelhos eletrônicos como tablets e celulares, compartilhamento de informações e conhecimentos de todas as áreas, minimizando o tempo e transformando as relações humanas. Não negando os benefícios que trouxe para a sociedade, facilitando a vida cotidiana em diversas atividades.

A aproximação fetichista por aparelhos eletrônicos e outros objetos tecnológicos, tomaram proporções avassaladoras, desconsiderando as relações sociais e afetivas que o contato pessoal pode proporcionar.

Para Marx, em sua obra *O Capital*, ele chama de *fetichismo*:

“(...)os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relações umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana.” (p.122)

Estamos vivendo uma inversão de valores, onde o objeto produzido, vira sujeito, e o sujeito, que pensa e que trabalha na criação do objeto, passa a ser subordinado a ele, o que Marx denomina de reificação, as relações sociais passam a ser reificadas. Devemos entender que os objetos são produzidos por relações sociais, para compreender o grau de alienação que estamos vivendo em nossa sociedade.

Colabora Silveira (2011):

“As necessidades humanas, além de determinadas pela necessidade de sobreviver e reproduzir-se, são criadas e

satisfeitas de acordo com outras variáveis, segundo o perfil próprio de cada *tecnosfera*: da inanição à luxúria do supérfluo, as necessidades humanas são produzidas segundo critérios de classes e por outras determinações sociais, não-classistas, como nacionalidade e espaço demográfico, religião, cor, gênero e idade.” (p.48)

As relações não estão mais baseadas no sentimento, no amor, no querer estar mais próximo do parceiro, dividindo momentos e experiências, mas numa necessidade de suprir um desejo, de ter atração pela aparência, ter apenas desejo sexual, manter o relacionamento no nível fantasioso e não discutir sentimentos reais. Em entrevista à revista Isto é, Bauman (2021) diz que os tempos atuais são “líquidos”, porque nada é feito para durar para sempre, as coisas mudam muito rápido.

O ser humano é resultado das relações que estabelecemos no decorrer da vida, mas hoje, a tecnologia se faz cada vez mais presente e parte dessa relação, das experiências de relacionamentos entre as pessoas, o estar presente com o outro e não ligados por um aparelho, essa relação física entre os seres humanos foi rompida.

“A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida.” (Thompson, 1981, p. 112).

As experiências pressupõem a dialética entre os seres humanos, entre a sua liberdade e a sua consciência social, segundo Thompson, o ser social é determinante para a consciência social, fazendo com que o ser humano reaja a todas as circunstâncias da vida social.

Estatísticas comprovam que, em média, passamos muito tempo conectados a internet, do que conversando pessoalmente com as pessoas ou praticando outras atividades. E essas mudanças estão sendo cada vez mais observadas, trazendo profundas transformações nas relações pessoais do ser humano e modificando dimensões como distância, tempo e espaço, e as relações afetivas. Em estudo feito pela FFMS (2021) sobre os jovens de Portugal, 29% chegam a passar mais de 3 (três) horas por dia conectados.

As distâncias encurtaram, conversamos em tempo real com alguém do outro lado do mundo, através de um novo espaço, o cyberspaço, definido por Levy (1999) como um espaço de comunicação aberto, termo inventado por Gibson em 1984, em sua obra de ficção científica “Neuromancer”. Esse espaço virtual alterou não só as distâncias, também a noção de tempo para cada um. O momento das cartas via correio já quase não existe mais, ou não existe, dando lugar às mensagens virtuais.

Esse movimento da tecnologia, que conecta a sociedade organizada em nível mundial, trata de forma única e conjunta assuntos de interesse global, como segurança, saúde, educação, meio ambiente, economia, entre outros. Existe um amplo acesso às informações, que proporcionam uma interlocução à sociedade para trocas e discussões, mas as relações afetivas, essas foram e estão sendo afetadas de uma forma diferente.

O contato físico parece já não ser tão constante como antes, as relações passam a ser subjetivadas e os relacionamentos afetivos contemporâneos vêm passando por transformações sociais constantes através dos tempos e de novas ferramentas tecnológicas.

Essas modificações trazidas pela globalização para a sociedade, foram alterando e promovendo uma reconfiguração das relações afetivas de forma geral, foco da pesquisa. A intimidade afetiva, que deveria ser preservada, o culto da própria imagem, a forma como desejam ser vistos, agora por vezes aparece cada vez mais exposta nas redes sociais, mostrada pelo próprio usuário ou não.

Santos diz: “O selfie, aparece como uma forma de dar-se a ver que leva o sujeito a experienciar o prazer em ver e ser visto, de exhibir-se ao olhar do Outro” (2016, p.5). Mas por outro lado, ainda existe a intimidade velada, daqueles que preferem não estar nas redes sociais.

3 Capítulo

Sociedades da juventude: uma nova cultura afetiva ou o reconfigurar de antigas práticas através das gerações?

As relações afetivas e sociais não são uma exclusividade da sociedade contemporânea. Desde o início da humanidade, os homens se relacionam entre si. Mas as relações afetivas eram bem diferentes e passaram por muitas transformações, envolvendo segredos, pudores, intimidades, promiscuidades, entre outros.

Em seu livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, Engels nos descreve como as relações foram se transformando ao longo da história, e já no prefácio diz como durante um certo período era proibido sequer pensar que na sociedade houvesse poligamia ou que a forma patriarcal da família não fosse perfeita, admitiam apenas que nos tempos primitivos pudesse ter havido períodos de promiscuidade sexual.

“Reconstituindo retrospectivamente a história da família, Morgan chega, de acordo com a maioria de seus colegas, à conclusão de que existiu uma época primitiva em que imperava, no seio da tribo, o comércio sexual promíscuo, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e que cada homem a todas as mulheres.” (1984, p.31)⁹

Partindo dos escritos de Engels, podemos perceber que os relacionamentos afetivos e sociais, foram diferentes em diversos períodos da história, passando como dito anteriormente, do pudor à promiscuidade e vice-versa, até os dias atuais, de acordo com o período social e vigente de cada época ou geração.

⁹ Neste livro Engels relata os estudos de Lewis H. Morgan, antropólogo, etnólogo e escritor estadunidense nascido em 1818 - New York, United States, um dos fundadores da moderna antropologia científica. (Livro: Evolucionismo Cultural)

A participação dos jovens ao longo da história nem sempre foi considerada em movimentos sociais e transformadores pela sociedade conservadora da época (Reiner Sousa, 2016), que consideravam a geração dos jovens, dependentes da família e imaturos, ou como na Grécia futuros guerreiros em potencial¹⁰.

Segundo Pais (1990) “Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais»”. Para ele os jovens deveriam se esforçar para se desvincular desses problemas para não serem considerados eternos irresponsáveis.

Historicamente, a sociedade é marcada por gerações¹¹, nascidas num determinado período de tempo com características, costumes e comportamentos semelhantes dentro do contexto social em que vivem.

Novaes (2018, p.3) num estudo sobre as gerações, compartilhando as ideias de Viana et al (2013), esclarece que:

“O conceito de geração foi primeiramente introduzido na teoria sociológica nos anos de 1950, na qual se define que uma geração é composta por um grupo de pessoas que compartilha, ao longo da vida, tradições, cultura, experiências de vida históricas e sociais.”

Corroborando Comazetto et al. (2016) em seu estudo comparativo de gerações que:

“De acordo com Kupperschmidt (2000), uma geração pode ser entendida como um grupo identificável que compartilha os mesmos anos de nascimento e, conseqüentemente, viveu os mesmos acontecimentos sociais significativos em etapas cruciais do desenvolvimento. Assim, para compreender como uma geração difere da outra, é preciso que se perceba como cada uma delas forma um conjunto de crenças, valores e prioridades. Esses elementos são consequência direta da época em que cresceram e se desenvolveram e faz-se necessário entendê-las de um ponto de vista sociocognitivo-cultural(...)” (Comazetto et al.,2016, p.146)

¹⁰ “Na Grécia Antiga, os jovens eram submetidos a um verdadeiro adestramento, cujo fim seria inculcar-lhes as virtudes cívicas e militares.”(Ferreira, Teresa et al.,2010, pp. 227-234)

¹¹ Do latim generatio, -onis. Conjunto de funções pelas quais um ser organizado produz outro da sua espécie. Conjunto das pessoas da mesma época ou quem têm sensivelmente a mesma idade. Tempo médio da duração da vida humana. (Dicionário Priberan on line)

Partindo desses princípios, percebemos que a história da humanidade é marcada por diversas gerações, e que receberam diversas denominações, como a “geração perdida”, logo após a Primeira Guerra Mundial, termo atribuído por Gertrude Stein em 1914 .

“Imortalizada na epígrafe de *O Sol Também Se Levanta* (1926) de Ernest Hemingway, a famosa frase “vocês todos são uma geração perdida” representou a visão que Gertrude Stein tinha do grupo de escritores norte-americanos que saíram de seu país em busca de inspiração intelectual e artística em Paris.” (Oliveira & Junior, 2019)

Em seguida, depois da Segunda Guerra Mundial, nasce a “geração grandiosa”, dos veteranos de guerra entre outras até os dias atuais. Novaes (2018), num estudo sobre os perfis geracionais cita:

“De acordo com os estudos de Jacques et.al (2015), os veteranos são aqueles nascidos entre 1922 e 1945. Baseados em teorias anteriores, os autores afirmam que os membros dessa geração nasceram e viveram em períodos de guerra(...)” (p.4)

A partir da segunda metade do século XX, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, nasce a geração “Baby Boomers”¹², entre os anos de 1946 e 1964, época em que houve um significativo aumento da taxa de natalidade.

Essa geração pôde presenciar as mudanças que o mundo passou no pós-guerra, com as manifestações culturais e políticas juvenis começando a se manifestar, o papel do jovem começava a criar o seu lugar, dando destaque a contracultura, que surge das manifestações e movimentos que marcaram as transformações culturais da década de 60¹³ na sociedade e com as mudanças ocorridas no mundo, como crítica ao sistema consumista da época.

¹² Desta geração fazem parte aqueles nascidos entre 1946 e 1964 (...) é uma definição para o conjunto de crianças nascidas durante uma explosão populacional - Baby Boom em inglês, ou, em uma tradução livre, explosão de bebês. A atual definição de Baby Boomers refere-se aos filhos da Segunda Guerra Mundial, já que logo após a guerra houve uma explosão populacional. (Andrade et al.,2012)

¹³ Na década de 1960, há um contexto internacional de crescimento do espírito de contestação, encabeçada principalmente pelos jovens. O ano de 1968 tornou-se símbolo dessa rebeldia em função da grande quantidade de manifestações que eclodiram em diferentes pontos do globo. (Kaminski, 2016-p.468)

“A contracultura seria daí entendida como sendo o desvio à norma. Ainda mais relevante para o desenvolvimento de uma teoria da contracultura foi a ampliação mais generosa da ideia de cultura promovida pela antropologia. Compreendida em termos gerais como sendo a totalidade dos modos de vida de um determinado grupo social, incluindo sua linguagem, seus costumes etc., o método etnográfico deixou de ser aplicado apenas aos povos exóticos, nativamente bárbaros, e passou a ser operado no interior das sociedades civilizadas do capitalismo avançado, especialmente sobre os grupos sociais desviantes, “bárbaros” por opção. Geralmente ligados à delinquência juvenil ou a minorias étnicas, os conjuntos culturais menores no interior da grande cultura de massas passaram a ser frequentemente referidos como “subculturas”. (Thomé L.,2016, p.2)

Foi nos anos 60, auge da contracultura, que o movimento hippie¹⁴, uma geração que pregava valores como “paz e amor” se opondo às oposições da sociedade do consumo em massa, os jovens criaram o seu próprio estilo, formando uma nova comunidade, como símbolo de resistência, dentro da sociedade existente.

O movimento hippie foi o de maior visibilidade, nascido nos Estados Unidos, seus padrões estéticos eram bem definidos, cabelos e barbas compridas, vestes coloridas ou reaproveitadas, além de muitos adereços. Essa era a imagem que a imprensa da época vinculava, devido ao seu exotismo e de ser uma novidade para a época.

Nessa época, a liberdade sexual “era uma das bandeiras da contracultura, buscava-se uma “libertação do corpo”, física e sexual, em relação à repressão do puritanismo religioso” (Le Breton, 2007,p.84 apud Kaminski, 2016, p.471). Era uma forma de rebeldia contra o moralismo e os costumes religiosos e familiares da época.

Em seguida, surge a “geração X”¹⁵, identificada como filhos da geração “baby boomers”, nascidos entre os anos de 1965 e 1979, uma geração mais influenciada pela televisão, os pais passam a ser mais rigorosos na educação dos filhos e a mulher começa a ter um maior papel de destaque na sociedade.

¹⁴ os hippies são comumente associados àquelas figuras nômades que circulam pela América Latina vendendo os artesanatos que confeccionam ou tocando nas ruas.(Neto, 2015, p.116)

¹⁵ Criado pelo fotógrafo Robert Capa no ano de 1950, o termo Geração X foi utilizado em um de seus ensaios fotográficos. O trabalho em questão era sobre jovens mulheres e homens que cresceram depois da Segunda Guerra Mundial. (Fonte: site InfoEscola)

“As mulheres dessa geração foram as primeiras a adotar papéis sociais mais autônomos. A educação de seus membros foi totalmente influenciada pela televisão, que transformou sua rotina familiar: os pais passaram a castigar os filhos limitando o acesso a seus programas favoritos, como os desenhos animados, o que constituía um grande castigo. Influenciada pela TV, foi a geração mais atraída por apelos consumistas. Essa geração teve grande contato com as inovações tecnológicas, assistiu ao surgimento do vídeo-cassete, do computador pessoal, da internet e muitas outras novidades tecnológicas, que começaram a prosperar na sua juventude e continuam num ritmo acelerado nos dias atuais.” (Oliveira, 2008 apud Andrade et al., 2012, p.3).

Essa nova geração, são os responsáveis pela criação tecnológica, como a internet e o computador pessoal. Segundo Andrade et al.,(2012, p.4) especialistas definem como principais características dessa geração: a individualidade sem deixar de conviver em grupos; maior maturidade; ruptura com as gerações anteriores; valorização do sexo oposto; busca pelos seus direitos; menos valor à família; e maior busca pela liberdade.

Segundo Oliveira,2008, p.63 apud Andrade et al.,2012, "Essa geração é marcada pelo pragmatismo e autoconfiança nas escolhas, e busca promover a igualdade de direitos e de justiça em suas decisões". Apesar de compartilhar alguns valores com a geração anterior, a Geração X¹⁶ tem uma identidade indefinida, pois tentam buscar seu lugar no mundo e ter liberdade, buscando mudanças e evolução. Essa geração, presenciou parte da Guerra Fria¹⁷, a queda do muro de Berlim¹⁸ e a grande disseminação da AIDS¹⁹.

¹⁶ Criado pelo fotógrafo Robert Capa no ano de 1950, o termo Geração X foi utilizado em um de seus ensaios fotográficos. O trabalho em questão era sobre jovens mulheres e homens que cresceram depois da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Capa, “*nomeamos esta geração desconhecida como Geração X e, mesmo em nosso primeiro entusiasmo, percebemos que tínhamos algo muito maior do que os nossos talentos e bolsos poderiam lidar*”.

¹⁷ A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade (Hobsbawn, 1996, p.224).

¹⁸ tornou-se marco simbólico, a partir do ano de 1961, da disputa estratégica entre o imaginário capitalista e o imaginário comunista, representados por Estados Unidos e União Soviética, respectivamente. Além disso, ao servir pragmaticamente como medida extremada de isolamento de Berlim Ocidental, a vasta edificação do muro em torno da capital da RFA, passou a representar categoricamente o ímpeto autoritário da República Democrática Alemã e, por conseguinte, da própria experiência comunista soviética perante a comunidade internacional.(Oliveira & Moreira, 2021)

¹⁹ Significa síndrome de imunodeficiência adquirida. É um conjunto de sinais e de sintomas que aparecem pela deficiência do sistema imunitário, que vai ficando com menos capacidade de resposta ao longo da evolução da doença. Pode surgir após a infecção por VIH. (SNS24)

A “geração Y”²⁰, a partir de 1980 até 1996, conhecidos como Millennials²¹ nascem em meio a evolução tecnológica e ao individualismo, defendendo mais seu lado pessoal e profissional, sendo mais voltados para a família.

Desde criança, estão imersos no conceito de sociedade da informação e na popularização da Internet. Muitos já possuíam computadores em casa, os tornando bastante independentes e uma geração mais consumista.

Como mencionamos anteriormente, era uma geração que utilizava muito a internet através de computadores, usando “salas de bate-papo”, onde já naquela época utilizavam nicknames²² e escolhiam as salas por temas.

“Cresceram em contato com as tecnologias de informação e são mais individualistas. (...) É a primeira geração da história a ter maior conhecimento do que as anteriores na tecnologia. Convivendo com a diversidade das famílias, tendo passado a infância com a agenda cheia de atividades e de aparelhos eletrônicos, as pessoas dessa geração são multifacetadas, vivem em ação e administram bem o tempo. Captando os acontecimentos em tempo real e se conectando com uma variedade de pessoas, desenvolveram a visão sistêmica e aceitam a diversidade.” (Comazzetto et al., 2016, p.147)

Posterior à “geração Y”, nasceu a “geração Z”²³, nascidos entre os anos de 1997 até 2010, onde estão inseridos os jovens, foco dessa pesquisa, conhecidos como “Geração Digital”, “Geração Net”, “Geração On-line”, “Geração Conectada” e “Geração Pontocom”, segundo os autores Freire Filho e Lemos (2008).

São jovens que vivem conectados o dia todo e não conseguem ver o mundo de outra forma, estão sempre à procura de computadores e smartphones de última

²⁰ Geração Y é o termo utilizado por Neil Howe e William Strauss, no livro “Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069” (1991), para definir a geração nascida a partir dos anos 1980 até os anos 1990, tida como verdadeiramente globalizada, ligada a novidades tecnológicas e que cresceu já se utilizando da internet em seu cotidiano.

²¹ Howe e Strauss cunharam o termo millennial em 1987, associando-o a um recorte geracional constituído por indivíduos nascidos entre 1982 e 2004. No seu entender, trata-se de uma geração cuja ação se caracteriza por uma feição “heróica”, refractária à regra hierárquica, em função da sua inscrição num contexto marcado pela imprevisibilidade, decorrente do exacerbar do risco e da incerteza, no plano institucional, económico e normativo, e da experiência concomitante de competição interpessoal, de ansiedade, de insegurança.

²² Apelido. (<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>)

²³ O termo surgiu ainda nos anos 1950, na Inglaterra, após o fotógrafo húngaro Robert Capa referir-se a um dos seus ensaios fotográficos, que mostrava rapazes e moças que cresceram após a Segunda Guerra Mundial. (Fonte:Citas.com.br)

geração, para atender às suas necessidades de multitarefas. Após a “geração Z”, nasce a “geração Alpha”²⁴, mas não trataremos dela nessa pesquisa.

Para Maurer (2013, p.35) “Viver sem internet, computadores e celulares é algo inconcebível para essa geração, que muitas vezes ensinou seus pais e avós a utilizarem tais tecnologias”. Colaborando com essa mesma opinião, completa Rita Loiola (2009), “essa é a primeira geração que não precisou aprender a dominar as máquinas, mas nasceu com TV, computador e comunicação rápida dentro de casa.”

A tecnologia se desenvolve em um ritmo cada vez mais rápido obrigando os jovens a mergulhar nela cada vez mais, e muitas vezes se perder em meio ao que diz respeito à sua privacidade e segurança, ultrapassando os limites do público e do privado, que segundo Habermas define:

“O uso corrente de "público" e "esfera pública" denuncia uma multiplicidade de significados concorrentes. Eles se originam de diferentes fases históricas e, em sua aplicação sincrônica sobre relações da sociedade burguesa industrial tardia e organizada sócio-estatalmente, entram num turvo conúbio. As mesmas relações que, no entanto, se contrapõem ao uso tradicional do termo, um emprego um tanto confuso dessas palavras, parecem até mesmo estar a exigir a sua manipulação ideológica.” (1984, p.13)

Habermas chama de “público”, entre outras definições, eventos acessíveis a todos, e não apenas fechado às sociedades privadas, porém, ele ainda acrescenta que, o emprego dessa expressão é frequentemente usado como opinião pública, criando uma esfera, ou seja, uma “esfera pública”, contrapondo-se ao privado (1984, p.14).

O sociólogo, ainda exemplifica amplamente a diferença entre público e privado da seguinte forma:

“Existe, no entanto em “*gemeinlich*” e “*sunderlich*”, “*common*” e “*particular*” uma certa correspondência em relação aos clássicos “*publicus*” e “*privatus*” e que se origina da antiga tradição jurídica germânica. Tal contraposição refere-se a elementos comunitários à medida que eles se afirmaram nas relações feudais de produção.

²⁴ As crianças nascidas a partir de 2010 formam a mais nova geração, chamada Geração Alpha. São os filhos da geração Millennial: já pertencem a um mundo tecnológico e conectado desde os primeiros meses de vida, sendo conhecidos como nativos digitais.

O domínio comunal (*Allmende*) é coisa pública, *publica*; o poço, a praça do mercado, são para uso comum, publicamente acessíveis, *loci communes, loci publici*. Antitética a esse setor “esfera comunitário” (*Gemeine*), que a história da língua correlaciona com o bem-comum ou o bem público (*common wealth, public wealth*), existe a “esfera particular” (das “*Besondere*”). Ela é o particularizado, o separado, no sentido do privativo, que ainda hoje mantemos na equivalência entre interesses particulares (*Sonderinteressen*) e interesses privados (*Privat-interessen*.” (1984, p.18-19)

Seguindo o pensamento de Habermas sobre o espaço público clássico, escrito 30 anos antes do surgimento da internet, os jovens, ao expor hoje, século XXI, sua vida, sentimentos ou desejos na rede, ou especificamente em sites e aplicativos de relacionamento, acabam por ultrapassar as linhas entre o público e o privado atual.

Ou seja, sua intimidade, que deveria ser privada, fazendo parte apenas do “eu” íntimo ou de uma relação restrita - entre duas pessoas no caso de um relacionamento afetivo - ou de um pequeno grupo – sendo uma relação social íntima, como grupo de amigos - torna-se pública, podendo gerar constrangimentos ou uma exposição indesejada.

A rede deixa de ser um espaço privado e passa a ser um espaço público na sociedade contemporânea, ou seja, o que deveria fazer parte da intimidade, vem a público, onde todos têm acesso, dando a esse espaço a sensação de particular/privado, como descreve Byung-Chul:

“Os *social media* e os motores de busca personalizados erigem na rede um *espaço próximo* absoluto, do qual o *fora* foi eliminado. É um espaço onde nos encontramos somente a nós mesmos e aos se se assemelham a nós. Não há qualquer negatividade que torne uma mudança possível. Esta proximidade digital não apresenta ao participante senão essas secções do mundo a *seu gosto*. Desse modo, desintegra a esfera pública, a consciência pública, *crítica*, e privatiza o mundo. A rede transforma-se numa esfera íntima, ou numa zona de bem-estar. A proximidade, da qual toda a distância do longe foi eliminada, é também uma forma de expressão da transparência.” (2012, p.54)

Para esse autor, a sociedade contemporânea tornou-se transparente, mas não no real sentido da palavra, mas no sentido de não se ver claramente o que se esconde por trás dela, é uma transparência que faz utilização de “máscaras” (2012, p.29) e diz que o mundo de hoje é “um *mercado* onde se expõem, vendem e consomem intimidades.” (2012, p.53)

Esse tipo de exposição é consequência da era da internet, onde para os jovens nada é proibido ou vergonhoso, como era no passado, em algumas das gerações anteriores. Descreve Norbert Elias (1994), em “O Processo Civilizador”, exemplificando como o comportamento do homem se desenvolveu e passou por transformações com relação à intimidade:

“Há pessoas diante das quais nos sentimos envergonhados e outras com quem isso não acontece. O sentimento de vergonha é evidentemente uma função social modelada segundo a estrutura social. (p.143)

Esse sentimento de vergonha para os jovens de hoje, objeto dessa pesquisa, se desenvolve pela internet, nos aplicativos de relacionamento de forma diferente. A vergonha mistura-se algumas vezes pela falta de auto-estima e pelo medo da rejeição.

Mas o que todas essas gerações possuem em comum? A resposta é simples, todas fazem parte de uma sociedade que evolui com o passar dos anos e continua a evoluir, e se relacionando entre si, e a tecnologia veio evoluindo consoante cada geração. Todas as gerações passaram e continuam passando por relacionamentos sociais e afetivos, para dar seguimento a novas gerações.

Além disso, não podemos deixar de lado também os conflitos pontuais dentro de uma própria geração, que ocorrem devido a forma como as pessoas foram educadas e segundo o seu contexto social, interferindo nas suas relações.

Como foco dessa pesquisa, temos parte das “gerações Y e Z”, onde, nas palavras de Palfrey e Gasser (2011, p.32), “Os jovens – entre muitos outros – estão usando mais do que nunca a internet para compartilhar informações pessoais”, estamos diante de um cenário que parece não ter data para acabar.

E é preciso que se tenha um pouco de cuidado quando se trata de aplicativos de relacionamento, pois a internet é um espaço público e ilimitado, onde como já falado, cada um pode ser e dizer o que quiser. Existem pessoas com todo tipo de intenções, as que procuram um relacionamento sério, as que querem apenas algo casual, as que

querem apenas sexo e há aqueles com intenções não muito confiáveis, como o assédio sexual e que estão do lado sombrio dos aplicativos, esse público merece um estudo detalhado como continuação dessa pesquisa.

4 Metodologia

Como metodologia para desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela pesquisa de cunho qualitativo, um estudo para obtenção de dados descritivos, de contato direto e interativo entre o objeto de estudo e seu pesquisador, para fazer uma análise do fenômeno social em que foram observados os acontecimentos oriundos do processo de relacionamento entre os jovens por aplicativos de relacionamento afetivo, já que, segundo Minayo (2002, p.21), tratando-se do campo das ciências sociais, a realidade não pode ser quantificada.

Para o cumprimento dos objetivos previamente definidos, a nossa estratégia investigativa utilizará então a técnica de grupo focal, com 10 jovens na faixa etária entre 18 e 25 anos, estudantes universitários e residentes no concelho da Covilhã, além de perfis em aplicativos. O trabalho de campo, fundamental para aproximação do objeto de estudo (Minayo, 2002), complementa ainda que:

“Os grupos focais têm ainda a qualidade de permitir a formação de consensos sobre determinado assunto ou de cristalizar opiniões díspares, a partir de argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam ocorrer de forma solitária.” (Minayo, 2009, p.69)

O tema central deste trabalho foi observar como o uso de aplicativos de relacionamento virtual reconstrói ou reconfigura a cultura juvenil de relacionamentos afetivos entre os jovens de 18 a 25 anos.

A discussão, será centrada não só na cultura juvenil, mas nos aplicativos de relacionamento mais usados pelos jovens para se relacionarem afetivamente no espaço virtual.

Sugiro então como pergunta de partida, a seguinte questão: O uso de aplicativos de relacionamento virtual constrói uma reconfiguração de cultura e relacionamentos afetivos?

Merton (1997), criador da entrevista por grupo focal, acredita que através dessa técnica de investigação de experiências, se pode obter uma resposta acerca da realidade concreta. Os grupos focais devem ser formados por participantes, de acordo com o sociólogo, que tenham testemunho de um evento em comum e o investigador, com base

nesse evento propor hipóteses sobre o assunto, criando um guião de entrevista com foco nas experiências subjetivas do grupo.

“O grupo focal (focus group) é uma técnica qualitativa de coleta de dados, originalmente proposta pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton (1919-2003), com a finalidade de obter respostas de grupos a textos, filmes e questões. A proposta inicial era conseguir, pela introspecção de diferentes sujeitos, informações sobre a vida diária e como cada indivíduo é influenciado por outro em situação de grupo e de que maneira ele próprio influencia o grupo, utilizando uma “entrevista focalizada” com roteiros de questões e respostas de um grupo de indivíduos selecionados pelos investigadores, tendo em vista um tópico de pesquisa. A finalidade dessa modalidade de pesquisa é extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações que resultariam de um novo conhecimento.”
(Gomes, 2005, p.279)

O uso de aplicativos de relacionamento existentes há mais de 20 anos e a grande variedade de aplicativos atualmente, dirigidos para os mais diversos sujeitos, propicia uma reconfiguração das relações sociais e afetivas do ponto de vista cultural da sociedade contemporânea. Vivemos a época hipermoderna na visão de Lipovetsky, dada numa entrevista para a revista Comunicação e Cultura:

“(...)aquilo a que chamei de «hipermodernidade» é um modelo teórico para compreender o mundo contemporâneo. Este modelo baseia-se em três lógicas fundamentais: 1) o mercado; 2) a tecnociência; 3) e a cultura individualista democrática. Penso que o universo hipermoderno é aquele que dedicou toda a sua extensão aos três conceitos referidos e que causou a queda dos antigos limites a este universo mercante, técnico e democrático.” (2010)

O autor acredita que esse processo nos leva a um individualismo que interfere na vida do sujeito e conseqüentemente nas suas relações sociais e afetivas,

enfraquecendo o indivíduo na sociedade perante o consumo de massa. A época hipermoderna, a grande era do consumo digital, tem grande influência na reconfiguração das relações afetivas pela utilização de aplicativos de relacionamento ao longo desses mais de 20 anos.

Pedro Costa (2020), discorre sobre a insatisfação e a frustração constante nas redes sociais, a respeito do imediatismo da internet:

“O facto de o “mercado da atenção” estar fortemente presente nas estratégias dos dispositivos sociotécnicos em contínua “estimulação”, deixando o sujeito constantemente à procura de “recompensas imediatas” ou de “gratificações instantâneas”, leva a perturbações no “desenvolvimento do autocontrolo”. (p.82)

5 Descrição do Grupo Focal

A metodologia usada para a pesquisa, além da pesquisa qualitativa, foi a composição de grupo focal. Foram ouvidos 10 jovens na faixa etária entre 18 e 25 anos, estudantes da Universidade da Beira Interior, e residentes no concelho da Covilhã, Portugal.

Contextualizei ao grupo sobre a temática da pesquisa e a forma como os fatos seriam utilizados e a privacidade de suas identidades resguardadas. Iniciei a conversa, deixando-os bem à vontade para falarem e fiz a primeira pergunta:

Já utilizaram algum site ou aplicativo de relacionamento afetivo? Qual? E as respostas foram que, a maioria já tinha utilizado algum app²⁵ de relacionamento, inclusive classificaram o Facebook, Instagram e Twitter como tal, por serem potencializadores das relações sociais no mundo on line. Além disso utilizaram o Tinder, Badoo²⁶ e Grindr²⁷. Outros disseram que só utilizaram o Tinder por acharem mais fácil e acessível.

Apenas dois dos 10 jovens disseram nunca ter utilizado o Tinder. Um por se classificar como “uma pessoa difícil” e o outro por só utilizar o Facebook e Instagram, mas, não descartou a utilização do Tinder, apenas ainda não tentou.

Perguntei se sabiam a quantidade existente de apps de relacionamento afetivo e eles disseram que acreditavam ser por volta de uns 50, mas que consideram o *Tinder* e o Grindr como os principais. Mas também disseram que conhecem aplicações mais simples direcionadas a públicos mais específicos como cristãos, judeus, para pessoas casadas, mulheres e homens mais velhos e etc.

Seguindo com as perguntas, quis saber se para quem já utilizou, qual foi a motivação que os levou a utilizar. Uns disseram que procuravam por uma parceira, outros disseram que apenas por diversão, por conta da idade, da curtição e das conversas.

Então um deles disse que começou a utilizar por piada, pois um amigo disse que tinha uma conta e gostava de homens também, mas depois por já ter mais de 18 anos resolveu utilizar para conhecer novas pessoas.

O jovem que nunca utilizou o Tinder disse que tinha apenas conversas com amigos e amigas pelo Instagram e uma das jovens disse ter criado a conta no Tinder para ter novas experiências sexuais, pois só tinha tido uma experiência até então, e

²⁵ Abreviatura de aplicação, por influência do inglês: *application*. (Fonte: Dicionário Priberan on-line)

²⁶ www.badoo.com é um site e app que pertence e é operado pela Badoo Trading Limited.

²⁷ The World's Largest Social Networking App for Gay, Bi, Trans, and Queer People. (Em tradução livre, O maior aplicativo de rede social do mundo para gays, bi, trans e queer.

claro, além de fazer amizades, mas nunca com um pensamento de algo sério, até conhecer o atual namorado, que já dura por 2 anos.

Um outro jovem disse que gostaria de encontrar um parceiro para ele, e conhecer pessoas novas, mas no que se refere a relacionamentos, ele gostaria que fossem presenciais, mas infelizmente a sociedade agora é muito mais por mensagens ou online, então ele se forçou a seguir essa getline²⁸ de seguir as aplicações, porque infelizmente tenta, mas não consegue obter encontros fora dela, como encontrar alguém num café e começar a conversar, então ele não via outra alternativa mais fácil de conhecer pessoas do que no mundo online.

Tentou então começar por conversar pelo Instagram, mas para o Tinder demorou um pouco, pois achava o aplicativo algo tipo um estereótipo, no sentido de que as pessoas iam para o aplicativo para ter seguidores no Instagram (mencionou que quando os utilizadores desses aplicativos colocam o @ é porque querem seguidores no Instagram) ou relações sexuais casuais sem nenhum compromisso com outras pessoas.

Para ele, a parte sexual não era tanto o que o levava para as aplicações, mas literalmente encontrar um parceiro. Só mesmo depois de algum tempo é que começou a explorar mais a área do Grindr, pois tinha a esperança de encontrar amizades gays.

Ainda expôs a seguinte situação: “porque tem a ver com a forma como os gays interagem, “nós” em termos presenciais, às vezes as pessoas sabem ou às vezes não sabem (se referindo ao fato de ser gay) e “nós” temos um gaydar²⁹, mas na aplicação por ser específica, não seria necessário.” Disse que pensou em experimentar para perceber e conhecer pessoas. Mas nesse aplicativo é mais complicado amizade, por ser muito voltada para a parte sexual.

Uma das meninas disse que quando instalou o Tinder queria experimentar algo que não faria normalmente, então ela e a prima que estavam de férias, resolveram entrar e “brincar”. As duas numa mesma conta e ao mesmo tempo conhecer pessoas de forma mais fácil, mas sem o cariz de um romance, apenas para fazer amizades.

Nesse momento, fiz uma intervenção e perguntei: “se querem conhecer pessoas não é mais fácil olhar uma pessoa num bar ou na universidade ou em qualquer outro lugar, um amigo de um amigo e puxar conversa? Porque o virtual?”

A resposta de um deles foi que, havia analisado essa parte no sentido de que, algumas pessoas são mais tímidas e no mundo online não se tem a sua “cara”, então não há intimidação, ou seja, tendo em conta as muitas conversas que teve com outras pessoas, existe a pessoa por trás do celular pelo aplicativo e a pessoa como é presencialmente.

²⁸ Getline- usado como uma gíria para dar início a algum assunto.

²⁹ Expressão usada como um radar para os gays identificarem os outros. (gíria)

É uma espécie de figura ou personagem que se cria online. Todos concordaram e disseram acreditar que as pessoas são mais abertas no espaço online, não demonstram timidez e transmitem melhor o que querem dizer, quando de forma presencial a situação pode mudar um pouco, a pessoa ser mais tímida ou mais insegura, e o fato de não ter a parte física a pessoa não se sente tão intimidada, e é mais fácil falar com pessoas que não se conhecem e poder desabafar e falar de qualquer assunto.

Um deles disse que se fosse por sua vontade seriam sempre encontros presenciais, mas estão tão inseridos no universo online que não tem outra opção que não conhecer pessoas através de aplicativos, e uma das meninas, que entrou no aplicativo para encontros sexuais e amizade, disse ter ansiedade social, acha que é mais fácil ter conversas online com a pessoa e depois sim conhecê-la pessoalmente.

Acrescentou que, nesses aplicativos as pessoas dever ser capazes de ter uma relacionamento/conversa completamente virtual antes de se conhecerem pessoalmente, até para tentar perceber como é a pessoa com quem está falando, pois diz que há uma infinidade de pessoas que se encontram, sentam à sua frente e dizem muitas bobagens, e assim, se depois do online a conversa for boa e estiverem na mesma “vibe”³⁰, encontram-se pessoalmente.

Perguntei se no virtual eles acreditam que podem ser o que quiserem e se criam alguma expectativa com relação ao outro.

Um dos jovens diz que literalmente todos criam um personagem, e que até a parte física pode ser diferente, e isso já aconteceu com alguns deles, e todos debateram sobre o assunto, concordando exatamente, que as pessoas criam personagens, mas que não tem muita relação com o aplicativo, e nem tanto na parte física, mas por conta da sua personalidade, ou seja, querem agradar ao outro para conhecer alguém interessante.

Deram um exemplo de conhecer uma pessoa há muito tempo, um amigo ou um colega de universidade por exemplo, e depois de algum tempo se revelar alguém totalmente diferente, e isso não necessariamente tem a ver como acontece nos aplicativos, isso acontece diariamente, as pessoas querem ser de outra forma, querem mascarar suas fraquezas e serem aceitas pelo grupo.

Outro fato colocado por todos foi a questão da insegurança, quando uma pessoa quer conhecer outras, mas não sabe se vão gostar dela, e pelo aplicativo, todos estão lá por esse propósito, é mais fácil lidar com a rejeição (pois se a pessoa do outro lado não der um like, ninguém vai saber) e já na realidade, pode ser que a pessoa não queira nenhum tipo de contato ou relacionamento e recebam um “fora”, e estando no

³⁰ Significa vibração e é a diminuição da palavra inglesa “vibration”.

ambiente virtual, uma rejeição não tem o mesmo peso de que estar de frente para a pessoa.

Uma das meninas disse: “a rejeição é mais fácil online”. Ela disse que se fosse por sua vontade, seriam sempre encontros presenciais, mas estão inseridos no universo online, e que não tem outra opção a não ser conhecer pessoas virtualmente.

Perguntei ao jovem que nunca utilizou o Tinder, qual a sua opinião sobre o aplicativo, e ele disse não ter nada contra quem use, inclusive achava que poderiam usar e abusar, apenas ele não se identifica com essa prática, gosta de trocar mensagens com os amigos e amigas pelo Instagram, de conhecer pessoalmente através de amigos e amigas dos seus amigos.

Questiono então qual a vantagem dos aplicativos, e eles concordam que a vantagem é conhecer pessoas de forma mais rápida. Sem ter que perder tempo como no tempo dos pais, em que conheciam alguém, saiam, conversavam, começavam a namorar e às vezes só tinham relação sexual depois de casar.

E para quem já utilizou mais de um aplicativo, como vêm a questão do apelo sexual? A resposta foi unânime, todos concordaram que todos os aplicativos têm esse apelo sexual muito forte, são poucas as excessões, mas em especial o Grindr, que especificamente tem um link que direciona e impulsiona o usuário para esse lado, inclusive sugerindo hotéis perto da localidade.

Disseram também que, no Tinder e Grindr, assim que dão *macht* com uma pessoa, na maioria das vezes já recebem nudes³¹ ou assuntos de cunho sexual. Não conseguem nem continuar a conversa.

Durante a pandemia do covid- 19, o aplicativo Tinder proporcionou vantagens por conta do confinamento, que antes eram pagas, como conhecer pessoas de outros países e partilhar imagens e vídeos, que fazem parte do plano pago, mas agora, depois de passada a pandemia, as funcionalidades pagas retornaram.

Nenhum deles algum dia pagou por essa funcionalidade, pois o aplicativo é grátis, porém com algumas limitações. Já no Grindr, se pode enviar qualquer foto, o que deixa alguns usuários incomodados, e na opinião do jovem que o utiliza, ele diz: “O Grindr não é para toda a gente”.

Faço outra intervenção, perguntando o que chama a atenção deles no outro, a ponto de dar “like” e querer algum tipo de relacionamento.

A primeira coisa que um deles disse, sendo muito sincero, é que aparência física é o que mais chama atenção, já outro disse de arranque dá like para todas e depois ao receber o “*macht*” de volta, vai selecionando, (nessa hora todos riram da estratégia do colega e disseram que ele era desesperado).

³¹ Gíria usada para envio de fotos sem roupa.

Em sua defesa ele disse que inicialmente ele era assim, dava “like” sem escolher completamente, se era bonita ok, mas se não fosse bonita, excluiria. Mas depois percebeu que algumas eram interessantes e o que mais importa é a personalidade. Uma das jovens disse que, além do físico ou aparência, se interessava em seguida pela descrição do perfil, se gostasse do que estava escrito, dava like e esperava pra ver se havia “macht” ou não.

Pergunto, e depois da aparência física, o que os prende numa conversa? ainda no ambiente online?

Uma das jovens disse que se a pessoa não conseguir manter uma conversa sobre temas atuais, mais com uma certa profundidade, antes de qualquer coisa ela perde o interesse, é preciso manter uma conversa e ser uma pessoa madura, caso a conversa comece a ficar muito parada e sem continuidade perdem o interesse muito rapidamente.

Um consenso entre todos é que se não pedem fotos não é para serem enviadas, (em relação ao envio de nudes), pois se sentem desconfortáveis e invadidos. E eles acreditam que quem envia este tipo de fotos, parece bem desesperado, as meninas acham que os homens acreditam que pelo tamanho do seu órgão sexual, vão convencer alguém de estar com eles, e elas estavam desistindo do aplicativo por isso.

Outro fato interessante que colocaram, foi que já utilizaram o aplicativo fora da cidade da Covilhã, como por exemplo em Lisboa, e isso não acontecia lá, as pessoas estavam mesmo procurando um relacionamento ou amizade, enquanto aqui (Covilhã), por ser uma cidade menor, acontecem mais e também compararam com a Póvoa do Varzim (igual a Lisboa).

Questiono se acreditam que o apelo sexual seja maior, pela parte dos homens ou das mulheres e mais uma vez, houve um consenso, de que os homens são muito mais atirados e “desesperados” e as mulheres mais tranquilas. Disseram que os homens agem por instinto animal e as mulheres são mais pelo racional.

Numa conversa, o que os leva a querer conhecer mais a pessoa, e até marcar um encontro presencial?

Disseram que o nível da conversa é fundamental, quando as ações combinam sempre podem avançar, desde que a conversa e os assuntos sejam um ponto em comum para os dois. Perguntei se existe um limite de tempo para que isso ocorra, e eles responderam que é como se houvesse um cronômetro, a conversa não pode esfriar, perguntou...tem que responder, mas não sabiam medir esse tempo para um encontro, acreditam que pode variar de uma pessoa para outra e do nível de interação entre eles.

Pergunto se já conheceram alguém do aplicativo pessoalmente e se tiveram algum tipo de relacionamento mais sério além do virtual?

Mais uma vez todos responderam que sim, todos tiveram experiências boas e ruins, uma das meninas inclusive, conheceu o atual namorado pelo aplicativo. Mas primeiro eram amigos, conversavam durante meses sobre vídeo game, que era um assunto em comum e de interesse dos dois. Depois resolveram virar amigos coloridos³², até que resolveram namorar, pois não saiam com mais ninguém, e o namoro já dura 2 anos e inclusive moram juntos.

Um dos meninos, conheceu um rapaz e viraram amigos e saíam sem envolvimento físico, mas ele disse que no Grindr é muito mais complicado, por se tratar de um aplicativo homossexual, existe muito apelo sexual e não se consegue selecionar quem pode ou não enviar mensagens como Tinder (que é preciso dar *macht* em comum), no Grindr as pessoas aparecem como um cardápio, e o outro escolhe e manda mensagem.

E ele ainda sinalizou a quantidade de homens mais velhos que procuram rapazes mais novos. Além disso, todos falaram que em ambos os aplicativos, existem pessoas que utilizamos a sigla ONS³³. Todas as meninas disseram já ter passado por isso, e se sentiram muito mal depois, com a sensação de terem sido usadas de terem sido objetificadas. Por esse motivo, encontram muitas barreiras para se relacionar.

E assédio ou bullying? Algum de vocês já passou por isso? Um dos rapazes disse que já o chamaram de virgem, por não querer sair e se encontrar uma menina no primeiro dia de conversa. Outro disse ter sido ofendido por palavras de baixo calão como bixa ou maricas e já recebeu muito assédio de homens mais velhos em troca até de dinheiro. As meninas disseram que quando não enviam as tão solicitadas nudes, são chamadas de cabras, de p#t@s ou de feias, como forma de reação pelo pedido negado.

Todos concordam que nesse sentido, os aplicativos objetificam a pessoa, impedindo de conseguir ter uma relação séria ou conhecer pessoas interessantes, inclusive acreditam que o colega tenha muito mais dificuldades por ser homossexual.

Pergunto então, se pudessem fazer uma analogia dos aplicativos com o mundo real em que pensariam?

As meninas logo colocam que se sentem como se estivessem num show de strippers, pois são tratadas como tal na maioria das vezes, se sentem expostas como numa vitrine e fizeram comparação com as vitrines de Amsterdã³⁴.

³²Amizade colorida significa o relacionamento onde há interação sexual entre os comprometidos, como carícias, beijos, relações sexuais, características do namoro. A diferença da amizade colorida para a amizade tradicional é devido à intimidade física dos participantes, sendo que não há compromissos com o outro, como o de fidelidade” (Fonte: Site Brasil Escola)

³³ Gíria do inglês que significa One Night Stand, traduzido para português significa um relacionamento de apenas uma noite.

³⁴ Vitrines do Bairro Vermelho, onde as mulheres ficam expostas e se prostituem.

Frisaram bem a questão da exposição como uma vitrine, que é uma coisa que incomoda muito.

Conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo durante o uso do aplicativo, é uma prática comum? Se vocês conversam com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, como conseguem conciliar e gerir esse tempo?

Todos acham isso normal, apenas um rapaz disse não praticar isso, gosta de conversar exclusivamente com uma única pessoa. Já outro colega disse que gostaria de conversar com apenas uma pessoa, mas acaba por falar com várias ao mesmo tempo. Mas todos se consideram seletivos, apesar de tudo, mesmo falando com todos os machts³⁵ até que os assuntos e pessoas possam ser “selecionadas” conforme o interesse e as escolhas se afunilando.

Uma das meninas disse que quando instalou, falava com uma infinidade de pessoas, mas que se fosse pessoalmente não conseguiria, pois se considera muito tímida. E falando sobre isso, eles disseram que a foto do perfil influencia muito, mas não só nos machts e likes, mas na conversa em si, e o fato de não ter foto reduz muito o interesse.

O rapaz que utiliza o Grindr, disse que ele com foto no perfil chegou a ter mais de 100 mensagens num único dia de perfis diferentes, reforçando o que eles disseram anteriormente, que a aparência física influencia muito, ao tirar a foto do perfil a quantidade de mensagens foi reduzida drasticamente.

Pergunto se acreditam que é possível manter um relacionamento afetivo virtual? E todos disseram ser bem complicado, pois a geografia é um fator muito importante e determinante para o relacionamento de jovens na idade deles. Já tentaram, mas são situações que pela distância não tem futuro, pois além da falta de contato físico, gera insegurança da fidelidade do outro e a ansiedade. Uma das meninas disse: “faz parte da nossa natureza o contato físico, mesmo que a relação comece por um aplicativo online, nós sentimos falta do contato físico.”

Uma outra jovem diz que conheceu um rapaz e que namorou muito tempo a distância, os colegas acharam estranho e disseram que parece que a relação nunca está completa.

Surgindo então o assunto do sexo virtual, e eles disseram que já tiveram essa experiência, mas acharam estranho, um deles disse que parecia que estava num jogo ou participando de um filme pornô, como se fosse um ator, e que por vezes não está sentindo nada em relação a prazer, como a outra pessoa desejaria, e que isso ocorre 90% das vezes, ou seja, fingem que estão gostando para agradar o outro, mas na realidade estão se enganando mutuamente.

³⁵ Gíria utilizada para combinação entre perfis nos aplicativos de relacionamento

Então a conversa continua para outra vertente, dessa vez, sobre as videochamadas, e todos disseram que não fazem vídeo chamada primeiro, para manter a sua privacidade, e em segundo lugar, porque não se sentem confortáveis. Um dos rapazes disse que não fez e não envia nudes, para manter a sua reputação, pois não quero ouvir comentários do tipo: “olha as partes íntimas de fulano” “nossa você viu como é que o fulano é” entre outros comentários, além de terem medo de suas fotos e vídeos serem espalhados, num efeito bola de neve, como já viram acontecer com alguns conhecidos.

Questiono se concordam que mesmo quando se tem um relacionamento sério é preciso cuidado e muita confiança, e eles responderam que sim, pois já souberam de casos também de fotos explanadas depois de um relacionamento terminado.

Pergunto qual a opinião deles sobre os relacionamentos atuais e uma das meninas disse que são extremamente agressivos, ciumentos e sem controle, a maioria dos relacionamentos de suas amigas são assim, um dos rapazes citou os relacionamentos abertos, em que não se tem a monogamia³⁶, e que na comunidade gay a maioria é assim, e ele não consegue aceitar, pois quer um relacionamento monogâmico.

Uma outra jovem disse que a relação deve ter o seu íntimo e a partir do momento em que a relação é aberta a esse ponto não é uma relação e todos concordam. Colocaram que as gerações mais novas, como a deles, são diferentes, e com isso há um abuso por parte da maioria.

São compulsivos, imediatistas e querem ter o controle de tudo, inclusive das ações do parceiro, querem saber com quem se fala, ler as mensagens, controlar amizade e horários, é um ciúme excessivo.

A outra colega, além de concordar, declarou que a mídia e tudo o que a sua geração consome, faz com que se sintam muito pressionados em encontrar alguém muito cedo, e acham que isso é a coisa mais importante da vida, e idealizam o futuro parceiro, gerando frustração, porque não existem príncipes encantados, príncipes Grindr, só existem em contos de fada.

Elas também disseram que os relacionamentos devem ser construídos com companheirismo e cumplicidade, carinho, respeito e não como paixões passageiras, e relataram que gostam de iniciar os seus relacionamentos devagar, conhecer bem a pessoa, conversar, saber o que ela gosta e não gosta, perceber os seus objetivos entender a pessoa. Então todos voltam a falar sobre a questão do imediatismo dos jovens da sua geração, que por não terem paciência, querem tudo muito rapidamente e

³⁶ É a relação estabelecida e desenvolvida com um só parceiro. Pode se dar a partir do matrimônio ou de qualquer relacionamento estável e duradouro. (Fonte: Site significados.com.br)

não conseguem entender que as relações afetivas são construídas no dia a dia, lentamente.

Pergunto qual a diferença dos relacionamentos de hoje com o da geração dos pais e dos seus avós e uma das meninas colocou que são melhores hoje pelo simples fato da mulher ter conseguido se emancipar, ter o seu espaço, se empoderar (na maioria das vezes, acrescentaram). Pois na geração das suas mães e de suas avós, a mulher era obrigada a viver uma vida infeliz no casamento se não estivesse satisfeita, não era socialmente aceitável uma mulher ser divorciada ou antes de se casar ter diversos namorados.

Disseram também que os novos relacionamentos, mesmo que sejam rápidos, que comecem e terminem logo, demonstram que os sentimentos, bons ou ruins não são definitivos, e que ninguém é obrigado a ficar com ninguém se não gosta, como era nas gerações anteriores, que a mulher tinha uma determinada idade para namorar e se casar e que se não se casasse, não teria outra oportunidade, citaram inclusive, que para a religião católica, o casamento é um só.

Outra jovem disse que em termos de relacionamento afetivo, de contato físico, acredita que a geração da sua mãe (década de 80) era melhor (disse que foi uma geração em que as relações eram melhores, tinham mais liberdade) e só mesmo quando surgiram as aplicações e a vida passou a ser vivida no virtual, no online, houve uma discrepância.

Foi então que eu indaguei: vocês se relacionam e procuram parceiros pelos aplicativos, mas não renunciam ao contato físico, a conversa e o olho no olho?

Um deles disse que prefere muito mais chamar o outro para tomar um café e conversar olho no olho, do que utilizar o aplicativo, fazer o que chamam de “date”³⁷, ir ao cinema ou passear num jardim. Novamente entram em consenso de que os aplicativos são um “jump start”³⁸, mas que por outro lado, muitos preferem não sair da parte virtual, é como se quisessem passar o tempo apenas conversando.

Com relação à pandemia da covid 19, qual o impacto dela para vocês com a utilização dos aplicativos?

Na opinião de um dos jovens a pandemia foi a desencadeadora, foi quando teve a sua primeira experiência num aplicativo de relacionamento, por estar trancado em casa e se sentir entediado, porque antes não era uma pessoa de estar muito tempo nas redes sociais e nem de conhecer pessoas novas, e quando veio a pandemia sentiu a necessidade de conversar com as pessoas, e a única opção era o online, então partiu para os aplicativos, primeiro por amizade e só depois para relacionamentos.

³⁷ que quer dizer o encontro na linguagem dos jovens

³⁸ Significa acelerador inglês, ou seja, os aplicativos aceleram um processo que nas gerações passadas era muito mais demorado e lento.

Todos concordaram que passaram a utilizar os aplicativos muito mais durante a pandemia, pois tinham uma rotina antes, iam à universidade, ginásio, bar, festas entre outros eventos e de um dia para o outro tiveram que ficar em casa sem poder sair e resolveram tentar algo novo.

Quis saber a opinião deles sobre o que valorizam num relacionamento afetivo hoje. E as respostas foram o conforto e a preocupação que tem com o outro, disse um dos jovens, a segurança, o carinho, o respeito e a cumplicidade disse um dos rapazes, além do amor. Disseram também que além do amor é preciso ter a capacidade de olhar para a relação e perceber se realmente é uma relação e se tem confiança, se tem boa estrutura, saber reconhecer que é uma relação madura para não ser algo vago.

Também disseram que tem que ser uma relação que passe confiança, de ser algo que vai durar e não ser algo passageiro, disse uma das meninas, mas que seja bom para ambos. O respeito foi algo em comum entre todos, além da comunicação, o saber ouvir e o saber compreender, depois eles disseram ter essa dificuldade (o saber ouvir).

A amizade entre ambos também consideram muito importante, e poder compartilhar bons momentos, havendo um equilíbrio entre as partes, fazer um pouco de cada coisa que o outro gosta.

Finalizando, pedi que fizessem um resumo do que achavam sobre a utilização dos aplicativos, e eles resumiram que, utilizar os aplicativos é divertido, experimentar coisas novas, é tentar aprender a se comunicar com vários tipos de pessoas, é sair da sua zona de conforto, e descobrir coisas sobre si próprios, para melhorar suas relações e se descobrir, se explorar.

Por outro lado, acreditam que pode ser muito exaustivo e frustrante, pois há de haver um controle, uma moderação para não virar um vício, e aprender a lidar com o não interesse do outro. Voltaram a falar que é muito mais fácil lidar com a rejeição pelo virtual do que estando cara a cara e que quando alguém se mostra interessado por eles, gera um sentimento de interesse mútuo.

Finalizaram dizendo que, geralmente são de uma forma no virtual e são outra no presencial, criam uma imagem do que gostariam de ser na maioria das vezes, para agradar e ao outro e ser aceito, talvez tipo timidez ou por frustração.

6 Considerações Finais

Com base nas pesquisas realizadas e na análise dos fatos apurados no grupo focal, não podemos negar que a tecnologia chegou para ficar, alterando a vida do homem em todos os sentidos, tanto na vida pessoal, como no trabalho, estudos, no comportamento em sociedade e nas relações afetivas através dos aplicativos.

A privacidade deixou de ser algo que pudesse trazer alguma relevância para os jovens atualmente. As relações são muito diferentes, variando de pessoa para pessoa, de geração para geração, e continuam em constante evolução.

Habermas, cita Willian H. White sobre a privacidade, em que o autor diz:

“Privacidade não é algo dado por meio do habitat, mas algo que cada vez precisa primeiro ser restabelecido: “Para chegar a ter uma vida privada, é preciso primeiro fazer algo para isso.”
(1984, p.187)

Para alguns jovens da geração Z, os nativos digitais, estar num local público, um bar, uma praça ou qualquer outro lugar, e conhecer alguém, seja por iniciativa própria ou através de outro amigo e começar uma conversa para se conhecer, poderá parecer antiquado, e muitas vezes na opinião deles, perda de tempo.

Quando vejo jovens usando aparelhos digitais para encontrar alguém para “namorar/ficar”, ainda mais percebo a importância do papel das relações sociais e afetivas presenciais nesse processo, e me recordo dos relacionamentos da minha geração, com grande saudosismo, pois quando eu era jovem, as nossas redes sociais eram a rua, a escola, os restaurantes, cinemas e shoppings.

Hoje percebo que os jovens estão dependentes da internet e de aplicativos de uma forma geral; pela conturbada agitação da vida urbana e pelos excessos de “oportunidades” que a rede proporciona, diferentemente das gerações anteriores.

O planeta vem sofrendo muitas mudanças, assim como toda a população. Não é preciso dizer o quanto o ser humano hoje é mais evoluído em todos os sentidos, e essa evolução influencia as relações desde a infância até a idade adulta. Essa evolução tornou o mundo mais acelerado e competitivo, com excessos de estímulos nos aplicativos, colocando de lado uma importante ferramenta para o desenvolvimento humano, o afeto.

Muitos estudiosos, entre eles Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1896-1934) apontam a importância da afetividade nas relações do homem e diziam que a

afetividade faz parte do processo evolutivo, mas foi o educador Henri Wallon (1879-1962), que coloca a afetividade como ponto central do desenvolvimento humano³⁹.

As pesquisas sobre o uso “excessivo” da internet em smartphones, tablets e computadores, mostram o prejuízo que o uso indiscriminado das tecnologias e mídias digitais podem causar para a vida do homem. Trago aqui alguns dados de uma pesquisa de agosto de 2021, promovida pelo CGI.br⁴⁰, durante a pandemia, mostrando exatamente como esse número aumentou durante o confinamento.

“O Brasil tem 152 milhões de usuários de Internet, o que corresponde a 81% da população do país com 10 anos ou mais. A estimativa é da pesquisa TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 - Metodologia Adaptada), promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) e lançada nesta quarta-feira (18) pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). Pela primeira vez, o levantamento identificou uma proporção maior de domicílios com acesso à rede (83%) do que indivíduos usuários (81%). Na comparação com 2019, o aumento foi de 12 e de 7 pontos percentuais, respectivamente.”

Acredito ser importante que a tecnologia seja usada a favor do desenvolvimento humano, gerando pesquisas na área da saúde, educação, meio ambiente, segurança, entre outras. Mas que tal uso seja feito de forma adequada, sem que se perca a essência do ser humano, o convívio com o outro, e não se perca a humanização em diversos setores da vida humana. Há que se refletir, como dosar seu uso, para que não se tenham prejuízos no futuro.

A superficialidade e o imediatismo desta geração, marcam as relações que se estabelecem a partir do mundo virtual dos aplicativos de relacionamento afetivo utilizados pelos jovens, tornando as relações afetivas, segundo Bauman, como citado anteriormente, muito fluidas e sem consistência.

Charles Taylor, em “Sources of the self” (2001, p.161-162), citando Descartes (1596-1650), diz que o filósofo não descarta a soberania de Deus, mas, “ele vê a nova ciência como uma que nos fará “donos e possuidores” da terra”. E diz mais:

³⁹ Novaescola.org.br

⁴⁰ Comitê Gestor da Internet do Brasil

“The modern figure I call the punctual self has pushed this disengagement much further, and has been induced to do so by the same mix of motivations: the search for control intertwined with a certain conception of knowledge. The disengagement is carried further in being turned towards the subject himself. Descartes already starts this movement. It involves taking a stance to ourselves which takes us out of our normal way of experiencing the world and ourselves. We can see what this means if we return to the examples which played a central role in Descartes's thought: secondary properties, and bodily sensations.”⁴¹(1977, p.161-162)

Partindo desse princípio, percebemos que os jovens utilizam os aplicativos de relacionamento virtual como forma de engajamento social e afetivo, proporcionando a si e a seus pares novas experiências e sensações, como forma de experimentar o mundo a sua maneira, de forma prática, rápida e objetiva, sem o que chamamos de moral, do discernimento entre certo e errado, sem rodeios e perda de tempo das gerações anteriores.

O autor ainda escreve sobre a moral, da seguinte forma:

“This moral philosophy has tended to focus on what it is right to do rather than on what it is good to be, on defining the content of obligation rather than the nature of the good life; and has no conceptual place left for a notion of the good as the object of our love or allegiance (...)”⁴² (p.3)

Para o filósofo, essa é uma visão muito fechada sobre a moral e contesta querendo explorar o que ele chama de ‘pano de fundo’ das intuições morais e espirituais (1989, p.3-4). Ele explica que a moral que está por trás desse pano de fundo é muito mais ampla do que a justiça, respeito ao próximo ou a dignidade.

⁴¹ A figura moderna que chamo de eu pontual levou muito mais longe esse desengajamento e foi induzida a fazê-lo pela mesma mistura de motivações: a busca de controle entrelaçada com uma certa concepção de conhecimento. O desengajamento é levado adiante ao se voltar para o próprio sujeito. Descartes já inicia esse movimento. Envolve assumir uma postura em relação a nós mesmos que nos tira da nossa maneira normal de experimentar o mundo e a nós mesmos. Podemos ver o que isso significa se voltarmos aos exemplos que desempenharam um papel central no pensamento de Descartes: propriedades secundárias e sensações corporais.

⁴² “Essa filosofia moral tende a se concentrar no que é certo fazer em vez do que é bom ser, em definir o conteúdo da obrigação em vez da natureza da vida boa; e não tem lugar conceitual para uma noção do bem como o objeto de nosso amor ou fidelidade” (Tradução)

Descreve como sendo ‘avaliação forte’, termos como discriminações de melhor ou pior, certo ou errado, superior ou inferior e que não dependem das nossas escolhas ou desejos, e sim julgamentos por padrões externos (1989, p.4). Taylor ainda elabora sobre temas como identidade e subjetividade, buscando elucidar o eu moderno seguindo os preceitos de Santo Agostinho.

“Thus by the turn of the eighteenth century, something recognizably like the modern self is in process of constitution, at least among the social and spiritual elites of northwestern Europe and its American offshoots. It holds together, sometimes uneasily, two kinds of radical reflexivity and hence inwardness, both from the Augustinian heritage, forms of self-exploration and forms of self-control. These are the ground, respectively, of two important facets of the nascent modern individualism, that of self-responsible independence, on one hand, and that of recognized particularity, on the other.” (p.185)⁴³

Segundo o autor, a moral de certo modo possui uma voz interior, que intuitivamente nos mostra e faz distinguir o que é certo e o que é errado. E segundo Agostinho, esse é o caminho para Deus, a interioridade, a intimidade do ser humano, o seu eu interior. Como diz: “*Noli foras ire; in interiore homine habitat veritas*”⁴⁴.

Mas os jovens atualmente utilizam a moral segundo as suas crenças, os seus ideias, pois vivem a era da internet onde a individualidade é o ponto de partida para a tomada de decisões e a liberdade que possuem hoje, diferentemente das gerações passadas, não os moldam segundo os padrões morais do passado.

Uma música que em minha opinião descreve muito bem essa geração, foi composta por um trio de cantores brasileiros, chamado Tribalistas, que fazem parte Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown, e que lançaram em 2002, a chamada “*Já sei namorar*”, e a letra diz assim:

*“Já sei namorar
Já sei beijar de língua*

⁶“Assim, na virada do século XVIII, algo reconhecivelmente parecido com o eu moderno estava em processo de constituição, pelo menos entre as elites sociais e espirituais do noroeste da Europa e suas ramificações americanas. Mantém juntos, às vezes com desconforto, dois tipos de reflexividade radical e, portanto, de interioridade, ambos da herança agostiniana, formas de auto exploração e formas de autocontrole. Estas são a base, respectivamente, de duas importantes facetas do nascente individualismo moderno, a da independência autorresponsável, por um lado, e a da particularidade reconhecida, por outro.”(Tradução)

⁴⁴ “Não vá para fora; no interior da alma do homem habita a verdade.”

*Agora só me resta sonhar
Já sei onde ir
Já sei onde ficar
Agora só me falta sair
Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para a solidão
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também
Já sei namorar*

*Já sei chutar a bola
Agora só me falta ganhar
Não tenho juízo
Se você quer a vida em jogo
Eu quero é ser feliz*

*Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para a solidão
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também*

*Tô te querendo
Como ninguém
Tô te querendo
Como Deus quiser
Tô te querendo
Como eu te quero
Tô te querendo
Como se quer
Tô te querendo
Como ninguém
Tô te querendo
Como Deus quiser
Tô te querendo
Como eu te quero
Tô te querendo
Como se quer*

A música reflete bem a realidade desses jovens, “*Eu sou de ninguém, Eu sou de todo mundo, E todo mundo é meu também*”, ou seja, eles dizem que procuram um relacionamento estável, mas, ao contrário do que dizem, procuram novas e muitas experiências e quanto mais pessoas conhecerem para agregar ao seu círculo de amizades melhor.

7 Referências Bibliográficas

Abreu, C. N. (2013). Dependentes em internet não conseguem controlar os impulsos. Site Terra. Consultado em maio de 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/byte/dependentes-em-internet-nao-conseguem-controlar-os-impulsos,319a1839bdc8f310VgnVCM3000009acceboaRCRD.html>>

Andrade, S. I., Mendes, P., Correa, D. A., Zaine, M. F. & Traime, A. (2012). Conflito de Gerações no Ambiente de Trabalho em Empresa Pública. IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Brasil. Consultado em setembro de 2022. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/10416476.pdf>>

Araujo, Felipe. (2022) Geração X. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociedade/geracao-x/>>

A.R. T. S. (1868). Tratado sobre a emancipação política da mulher e direito de votar. Typographia Paula Brito. Rio de Janeiro. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000010736&bbm/6702#page/10/mode/2up>>

Azevedo, T. (1986). As regras do namoro à antiga. São Paulo: Ática.

Agostinho, S. (1973). Confissões. 1ª ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril. (Os Pensadores).

Agostinho, S. (2011). Cidade de Deus. Volume 1. Trad. José Dias. Fundação Calouste Gulbenkian.

Arendt, H. (1997). O conceito de amor em Santo Agostinho. Lisboa: Instituto Piaget.

Barros, B. M. C. & Roldão, M. L. (2017). A sociedade em rede e as doenças emergentes: uma proposta baseada na utilização excessiva das tecnologias digitais. Revista Sociais e Humanas. Vol. 30/ nº1. Dossiê temático. Consultado em junho 2020. Disponível em <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53678275/SH_ED1_2017_ART2.pdf?1498573510=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSH_ED1_2017_ART2.pdf.pdf&Expires=1592124668&Signature=Y~iiqsjGiP5CnXITlluiEZkotJFALGjSR4MlQUgFn3oZ~eOcZIrUkiF4KovrGh13JuEZLMYgXGq4W8Obc18odXvHPL1WDckr28qlhIMAf3nOc4v9Eqh~WJrDt hd4FZIKYCxEe~zoaFU88BzSov1urQ4bRmqw-I6or2I7VJospU-l-9zu7t2DY2KScoc674LfahoUGmk8~YxQ1WgdY6j6R4na3hpByf2avfvHOZfj9-Bb4zomTvGdHBRGsu3WbFZ3Egor4mpeoDNBCatJW5OoVLR4o0P1zJZFoAJy3suZLs3zgiX7Qo1DIYUXN6jaoJlNqbCqzZ4R5qnNa7iOKxNjQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>

Barros, J. A. (2015). A poética do amor cortês e os trovadores medievais - caracterização, origens e teorias. Aletria, Belo Horizonte, v.25, n.1. Consultado em maio de 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307794512_A_poetica_do_amor_cortes_e_os_trovadores_medievais_-_caracterizacao_origens_e_teorias>

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z.(2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2012) *Ensaio sobre Conceito de Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Belloni, M. L. (1995). *Escola versus televisão: uma questão de linguagem*. In: *Revista Educação e Sociedade*, 52, pp. 571-583.
- Bérdier, J. (2012). *O Romance de Tristão e Isolda*. 5ª ed. Trad.: Luis Claudio de Castro. São Paulo: Martins Fontes.
- Berlin, I. (2022). *As raízes do romantismo*. Editora Fósforo. São Paulo, Brasil.
- Borges, V.C. & de Lana, E. (2020) *Aplicativos de relacionamento: conhecendo o crush na era digital*. In Nunan, A. & Penido, M. A. (Orgs.) *Relacionamentos amorosos na era digital*. Consultado em junho de 2022. Disponível em <https://adriananunan.com.br/wp-content/uploads/2020/01/degustacao-livro-relacionamentos-amorosos-na-era-digital.pdf>
- Cambridge Dictionary. Consultado em Abril de 2022. Disponível em:<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/freemium>>
- Campbell, C. (2001) *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Campos, L. & Canavezes, S. (2007). *Introdução à globalização*. Instituto Bento Jesus Caraça Departamento de Formação da CGTP-IN. Consultado em maio de 2022. Disponível em:<<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdu%20%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Globaliza%20%C3%A7%C3%A3o.pdf>>.
- Carpenedo, C. & Koller, S. H. (2004). *Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor*. P. 1-13. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<[file:///C:/Users/anasi/Downloads/3234-6366-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/anasi/Downloads/3234-6366-1-PB%20(3).pdf)>.
- Castells, M. (2000). *Sociedade em rede*. Paz e Terra. Disponível em :<https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf>
- Castells, M. & Cardoso, G. (2006). *A Sociedade em rede do conhecimento à acção política*. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Gustavo-Cardoso-2/publication/329970512_A_Sociedade_em_Rede_Do_Conhecimento_a_Accao_Politica_-_Manuel_Castells_Gustavo_Cardoso/links/5c26563ba6fdccfc706e45bc/A-Sociedade-em-Rede-Do-Conhecimento-a-Accao-Politica-Manuel-Castells-Gustavo-Cardoso.pdf>
- Castro, C. (2005) (Org.). *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Editora Zahar, Rio de Janeiro
- Coelho, J. V. (2018). *Já havia millennials no tempo dos Beatles*. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/25334/1/article_83591.pdf>.

Comazzetto, L. R., Perrone, C. M., Vasconcelos, S. J. L., & Gonçalves, J. (2016) A geração Y no Mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, 36, 145-157.

Comitê Gestor da Internet do Brasil. (2021). Consultado em setembro de 2022. Disponível em:< <https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>>

Correia, J. C. (2002). *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Costa, J. F. (1998). *Sem fraude, nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Costa, P. R. (2020). Impactos da Captologia: Problemáticas, desafios e algumas consequências do “dar vistas” ao ecrã em rede. *Sociologia on line*, n.23. pp.74-94. Consultado em julho de 2022. Disponível em:< <https://revista.aps.pt/wp-content/uploads/2020/09/SociologiaAPS202023CAP04.pdf>>

Cuche, D. (2002). *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC.

Datareportal.com. Consultado em maio de 2022. Disponível em:<<https://datareportal.com/reports/digital-2022-april-global-statshot>>

Dicionário on line de Português. Consultado em maio de 2022. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br>>

Dicionário Cambridge. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:< <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>>

Dicionário Infopédia. (2003-2022). Grupo Porto Editora. Consultado em agosto de 2022. Disponível em :< <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2008-2021). Consultado em abril de 2022. Disponível em:< <https://dicionario.priberam.org/amor>>

Dixon, S. (2022). Namoro online em todo o mundo - estatísticas e fatos. Statista.com. Consultado em maio de 2022. Disponível em:< <https://www.statista.com/topics/7443/online-dating/#dossierKeyfigures>>

Elias, N. (1994) *O Processo Civilizador*. Vol.1. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro. Brasil. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:< https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS__Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf>

Engels, F. (1984). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. Editora Civilização Brasileira.

Ferreira, T. H. S. et al.(2010). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Abr-Jun, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234. *Adolescência através dos Séculos*. Brasília-Brasil.

Francisquini, R. (2016). O lugar dos meios de comunicação na democracia habermasiana. Em *Um pensamento interdisciplinar Ensaios sobre Habermas*. P. 237-

265. Nefiponline. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/Habermas4.pdf>>.

Freire Filho, J.; Lemos, J. F. (2008). Imperativos de Conduta Juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, jul.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. Reimpressão.

Gibson, W. (2003). *Neuromancer*. Tradução Fábio Fernandes. Editora Aleph. São Paulo. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118319/mod_resource/content/1/Neuromancer%20-%20William%20Gibson.pdf>

Giddens, A. (1993). *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP.

GlobalWebindex. (2020). *GlobalWebIndex's flagship report on the latest trends in social media*. Consultado em junho de 2022. Disponível em <<https://www.globalwebindex.com/download-confirmation?submissionGuid=d028310f-7f31-48d2-a3d1-18c136a192df>>

Gomes, A. A. (2005). Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. *EccoS Revista Científica*, vol. 7, núm. 2. pp. 275-290. Universidade Nove de Julho. São Paulo. Brasil. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71570203.pdf>>

Guedes, D. & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza. Vol. VI. Nº 2. P. 396 – 425. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/07.pdf>>

Habermas, J. (1984). *Mudança estrutural da Esfera Pública: uma investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Plávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Consultado em julho de 2022. Disponível em: < Habermas - Mudança Estrutural da Esfera Pública.pdf >

Han, Byung-Chul. (2014) *A Sociedade da Transparência*. Lisboa. Relógio D'Água Editores.

Howe, N. & Strauss, W. (1991). *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*. New York: Harper Collins Publishers.

Imbroisi, M. & Martins, S. (2022). *Romantismo. História das Artes, 2022*. Consultado em Setembro de 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/romantismo/>>.

Instituto Nacional de Estatística. (2019). 80% of internet users participate in social networks. Consultado em junho de 2020. Disponível em <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354447559&DESTAQUESmodo=2>

Junior, O. P. L. & Dantas, L. C.S. (2020). A emancipação feminina no Iluminismo: um diálogo crítico entre Wollstonecraft e Rousseau. *Revista Juris Poiesis - Rio de Janeiro*. Vol.23 - nº 31, pg.262-296. ISSN 2448-0517. Consultado em setembro de 2022. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/jurispoiesis/article/viewFile/8173/47966752>>

Karl, M. (2013). *O Capital. Crítica da economia política*. Livro I. Ed. Boitempo. São Paulo. Consultado em setembro de 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf>

Kaminski, L. F. (2016). O movimento hippie nasceu em Moscou: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970. *Antíteses*, vol. 9, núm. 18, julho-dezembro, p. 467-493 Universidade Estadual de Londrina Londrina, Brasil. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<file:///C:/Users/anasi/Downloads/Dialnet-OMovimentoHippieNasceuEmMoscou-5843936.pdf>>

Kroeber A. L. Untereiner W. & Kluckhohn C. (1985). *Culture : a critical review of concepts and definitions* (Reprinted). Vintage Books.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. Consultado em maio de 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7L29Npod2YcC&oi=fnd&pg=PA11&dq=cibercultura+p+lévy&ots=giTCEz_wbk&sig=Eg0g1SQdDAuDfqXKfEzA1ismWVo#v=onepage&q=cibercultura%20p%20l%C3%A9vy&f=false>

Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

Loiola, R. (2009). Geração Y. *Galileu*, Editora Globo, n. 219, out. 2009. Consultado em agosto de 2022. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/o,,EDG87165-7943-219,00GERACAO+Y.html>>.

Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. Consultado em junho de 2022. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/43801346/livro-pesquisa-em-educacao-abordagens-qualitativas-ludke-e-andre>>

Mackie, L. (1977). *Ethics: Inventing Right and Wrong*. London: Penguin Books. Consultado em junho de 2022. Disponível em: <[file:///C:/Users/anasi/Downloads/Ethics_%20Inventing%20Right%20and%20Wrong%20\(PDFDrive%20\).pdf](file:///C:/Users/anasi/Downloads/Ethics_%20Inventing%20Right%20and%20Wrong%20(PDFDrive%20).pdf)>

Malinowski, B. (1975). *Uma teoria Científica de Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Maurer, A. L. (2013). *As gerações Y e Z e suas âncoras de carreira: contribuições para a gestão estratégica de operações*. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil.

Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes. 21^a. Edição. Petrópolis.

Mitchell, W. e-topia: Tecnologias de Informação e Comunicação e a Transformação da Vida Urbana. Em *A Sociedade em rede do conhecimento à acção política* (p.336-342). Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Gustavo-Cardoso-2/publication/329970512_A_Sociedade_em_Rede_Do_Conhecimento_a_Accao_Politica_-_Manuel_Castells_Gustavo_Cardoso/links/5c26563ba6fdccfc706e45bc/A-Sociedade-em-Rede-Do-Conhecimento-a-Accao-Politica-Manuel-Castells-Gustavo-Cardoso.pdf>.

Neto, P. C. P. (2015). Gringos, Hippies e conquistadores em Samaipata, Bolívia: a fama e a infâmia dos forasteiros. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134934/334105.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

Newmam, F. X. (1968). (Ed). *The meaning of courtly love*. Albany, NY: Sunypress.

Novaes, S. (2018). Perfil geracional: um estudo sobre as características das gerações dos Veteranos, Baby Boomers, X, Y, Z e Alpha. Anais do VII SINGEP – São Paulo – SP – Brasil.

Nunan, A. & Penido, M. A. (2019) *Relacionamentos Amorosos na Era Digital*, 138 págs. Editada pelos editores. Brasil. Consultado em maio de 2022. Disponível em:<https://adriananunan.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Relac-Amorosos-na-Era-Digital_degustacao.pdf>

Observador. (2016). Portugal é um dos mercados mais importantes para Portugal. Consultado em junho de 2020. Disponível em<<https://observador.pt/especiais/portugal-e-um-dos-mercados-mais-importantes-para-o-tinder/>>

Oliveira, B. L. & Junior, J. L. A. (2019). Gerações perdidas: intertextualidade entre Hemingway e *The Left Bank Gang*, de Jason. 6as. Jornadas internacionais de Quadrinhos. Escola de Comunicação de Artes da USP. Brasil

Organização Mundial de Saúde. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<<https://www.who.int/>>

Pais, J. M.(1990). A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1.º, 2.º), p.139-165.

Pais, J. M.(2003). *Culturas Juvenis*. 2ª. Ed. Lisboa. Imprensa Nacional.

Pais, J. M.(2007). *Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudo de caso*. 3ª. Ed. Lisboa. ICS.

Pais, J. M. (2012). *Sexualidade e Afectos Juvenis*. Lisboa. ICS, 2012.

PagBrasil. (2019). *Mobile no Brasil*. Consultado em junho de 2020. Disponível em:<<https://www.pagbrasil.com/pt-br/noticias/mobile-no-brasil/>>

Palfrey, John. Gasser, Urs. 2011. *Nascidos na era digital. Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Artmed.

Pereira, F. M. G. (2014). *O Ritual na obra de Thales de Azevedo: por uma antropologia do cotidiano*. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN. Consultado em

setembro 2022. Disponível em :<
http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014990_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO2.pdf>

Penido, M. A & Teles, K. (2019). Solidão e uso de internet. Em *Relacionamentos Amorosos na Era Digital*, 138 págs. Editora dos editores. Brasil. Consultado em maio 2022. Disponível em:< https://adriananunan.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Relac-Amorosos-na-Era-Digital_degustacao.pdf>

Pinzani, A. & Schmidt, R. (Org). (2016). Um pensamento interdisciplinar: Ensaios sobre Habermas. Nefionline. Florianópolis. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:< <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/Habermas4.pdf>

Popovic, M. (2005). Intimidade e sua relevância no funcionamento humano. *Terapia Sexual e de Relacionamento*, 20 (1), 31-49.

Salla, F. (2011). O conceito de afetividade de Henri Wallon. Nova Escola. Consultado em setembro de 2022. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/264/o-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>

Santos, N. C. N. & da Costa-Filho, P. M. (2013). Abreu CN, Eisenstein E, Estefenon SG. Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artes Médicas; 2013. Ciência & Saúde Coletiva.

Schmidt, J. F. (2012). As Mulheres na Revolução Francesa. Revista Thema. N.9. Consultado em novembro de 2022. Disponível em:< <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147/67>>

Santos, S. G. (2016). Era do espelho: a captura do olhar nas redes sociais. 22 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Universidade Estadual Da Paraíba, Campo Grande, 2016. Consultado em 27 de março de 2022. Disponível em: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream>>

Silveira, Z. S. (2011). Concepções de educação tecnológica na reforma da educação superior: finalidades, continuidades e rupturas (1995-2010) – estudo comparado Brasil e Portugal. 445 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

Sousa, R. (2016). Sociologia da juventude. Acesso em agosto de 2022. Disponível em :< <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/sociologia-juventude.htm>>

Taylor, C. (1997). As fontes do self – A construção da identidade moderna. (Trad. Adail U. Sobral e Dinah de Azevedo de Abreu). São Paulo: Edições Loyola. Consultado em 27 de março de 2022. Disponível em:< [file:///C:/Users/anasi/Downloads/Sources%20of%20the%20self_%20the%20making%20of%20the%20modern%20identity%20%20\(%20PDFDrive%20\).pdf](file:///C:/Users/anasi/Downloads/Sources%20of%20the%20self_%20the%20making%20of%20the%20modern%20identity%20%20(%20PDFDrive%20).pdf)>

Tylor, E. B. (1920). The Science of culture. In chapter I. Volume I. London. 1920. Consultado em julho de 2022. Disponível em inglês em< <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.42334/page/n5>>

Terra. (2018). No Brasil, 124 milhões de pessoas estão conectadas a apps de relacionamento. Consultado em maio de 2020. Disponível

em<<https://www.terra.com.br/noticias/dino/no-brasil-124-milhoes-de-pessoas-estao-conectadas-a-apps-de-relacionamento,2b9e474b15b227fce3dof3ecoc2ab6e5wg057fs5.html>> Acesso em julho de 2022.

Terra. (2017). A cada cinco usuários, um usa aplicativo de relacionamento. Consultado em maio de 2020. Consultado em julho de 2022. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/canaltech/a-cada-cinco-usuarios-um-usa-aplicativo-de-relacionamentos-no-brasil,33ed694ae8ab4cb59b9cfa80ed16c597i9z05o88.html>>

Thomé, L. (2016). Contracultura: o conceito, sua história e seus problemas. XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Ensino Direito e Democracia. Consultado em setembro de 2022. Disponível em:< http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1476382682_ARQUIVO_Contracultura.pdf>

Thompson, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Vickers, B. (2019). Mobile no Brasil: estatísticas de uso e perfil do usuário. Site PagBrasil. Consultado em maio de 2022. Disponível em:<<https://www.pagbrasil.com/pt-br/noticias/mobile-no-brasil/>> Consultado em maio de 2022.

Weber, M. (1982). Ensaios de Sociologia. Tradução de Waltensir Dutra. Editora LTC. Rio de Janeiro. Consultado em agosto de 2022. Disponível em:<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59261230/Max_Weber_-_Ensaios_de_Sociologia20190515-80657-1k4w3bm-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1663369420&Signature=bNLIIdgzM0aTwEtyyXAEcAPdfngZTpsJuUxEVmfm7sDM6eYolgRckh~D6Sz-KdXZ-8rgqefxirb8TjYNfTr3WWyRuIu4rafJH3YLCTa7XIARRtMqun3dhsgckR0lQeToubOtU9EGWOGsbxqzNFDwefCnAqd0xg2gf6NKkoZpN~s9CiaIzewRk3QE0F~w3F1SW~C1fHidjRbVd0gWsaGHVUbyHjlxflqxdidktWz90k8ZoTxNcnL-m8KMiWKUdg2zl~uOgwZWsZEBcJ-Fakc0HQfoWdiiiRR5osR-jVMSVdB0ni0NpJhB8xLi-QluNIF-rsx1tC3yHSlgh7guuFgZg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>